



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

António Rafael Moreira Poças

Homilia: arte de servir a Palavra e a assembleia

Dissertação Final

sob orientação de:

Prof. Doutor Joaquim Augusto Félix de Carvalho

Braga
2012

Introdução

Ao longo da história da Igreja a homilia não foi sempre interpretada com a mesma importância. A par de momentos de grande esplendor, podemos constatar períodos em que foi quase esquecida ou até mesmo abandonada.

Depois de forte tom moralista, que se verificava no período anterior ao Concílio Vaticano II, tornou-se evidente que era necessário e urgente prestar-lhe uma renovada atenção¹. Devido ao grande descuido com que se tratava a homilia nesta época, ela corria o risco de se dissolver ou até mesmo de desaparecer. Isto conduziu a uma reflexão profunda sobre a sua importância e o seu lugar na Liturgia.

Não obstante todos os problemas², com o Concílio Vaticano II assistimos à sua revalorização e reintrodução na Liturgia da Palavra, mercê de uma atenção especial. O Concílio recomendou encarecidamente que ela fosse assumida como parte integrante da própria Liturgia e nela se expusessem, de acordo com os textos sagrados e ao longo do ano litúrgico, «os mistérios da fé e as normas da vida cristã»³. Daí se compreenda a insistência: «Não se omita, a não ser por motivo grave, nas Missas que ao domingo e festas de preceito se celebram com afluência do povo»⁴. O mesmo deve acontecer nos outros sacramentos, na Liturgia das Horas ou em qualquer outra celebração litúrgica da Palavra. A homilia deve portanto ir beber à Fonte, ou seja, à Sagrada Escritura. Ela há-de converter-se em autêntico diálogo entre Deus e o povo, numa ocasião fulcral de evangelização.

¹ No início do século XX, o grande teólogo Karl Barth censurava a teologia católica por não prestar atenção à homilia. Cf. M. P. DOMINGUES, *Renovação das homilias após o Concílio Vaticano II*, in *Bíblica* 14 (2005) 157-158.

² Aqui estamos a referir-nos ao descuido no trato da homilia em alguns períodos da História da Igreja que antecedeu o Concílio Vaticano II, que consistia em discursos à volta de um tema de ordem moral, sem a preocupação de partir da Palavra anteriormente proclamada, bem como da sua completa ausência num acto litúrgico.

³ Cf. *Sacrosanctum Concilium* 52. Sempre que tivermos de fazer referência à Constituição *Sacrosanctum Concilium* iremos fazê-lo apenas com a sigla SC.

⁴ SC 52.

No período pós-conciliar começou-se a assistir a um certo aperfeiçoamento das homilias, de acordo com a teologia renovada do Concílio e uma maior fidelidade à Escritura. O homileta passa a confrontar-se com várias exigências: uma nova metodologia, marcada por um novo paradigma na linguagem, e um cuidado acrescido em relação à forma e aos conteúdos da mensagem.

O tema da homilia foi já amplamente tratado por especialistas, sobretudo liturgistas e biblistas. José Aldazábal⁵, Casiano Floristan⁶, Bernard Reymond⁷, Miguel Expósito⁸ e Luis Maldonado⁹ contam-se entre os estudiosos que mais aprofundam a reflexão.

Começaremos por, no primeiro capítulo, apresentar várias definições de homilia, evidenciando as principais características, para a distinguirmos da pregação e da exegese. Apresentaremos também os avanços e os retrocessos que a homilia foi tendo ao longo da história da Igreja.

No segundo capítulo, de natureza teológica, procuraremos abordar questões como: a presença de Cristo na homilia, a inspiração do Espírito Santo que ajuda a compreender as Palavras de Jesus, o diálogo de Deus com os homens, Jesus que fala pelas palavras do homileta e o silêncio orante das pessoas que escutam.

No terceiro capítulo, centrar-nos-emos em questões de teor prático a ter em consideração pelos homiletas, como por exemplo: o cuidado evidenciado na preparação, o conhecimento da assembleia, a linguagem, o recurso ao diálogo com crianças, o tempo que se disponibiliza para a transmissão, a aplicação à vida dos crentes, a importância de um breve silêncio no final, momentos em que se deve ou se tem obrigação de fazer, o ensino apropriado

⁵ Cf. J. ALDAZÁBEL, *El ministerio de la homilia*, CPL, Barcelona, 2006.

⁶ Cf. C. FLORISTAN, *Teologia Practica – Teoria e Praxis da Acção Pastoral*, Edições Sigueme, Salamanca, 1993.

⁷ Cf. B. REYMOUND, *De Vive Voix*, Labor et Fides, Génova, 1998.

⁸ Cf. M. EXPÓSITO, *Conocer y celebrar la Eucaristía*, CPL, Barcelona, 2001.

⁹ Cf. L. MALDONADO, *A Homilia – pregação, liturgia, comunidade*, Paulus, São Paulo, 1997.

nos Seminários, o uso dos órgãos de comunicação social, aquilo que se deve evitar numa homilia e a ponte que se deve fazer entre a liturgia da Palavra e a liturgia Eucarística.

De seguida, e ainda como parte integrante do terceiro capítulo, analisaremos três homilias. E, para gerar maior clareza, optamos por serem todas do período pascal.

Capítulo I. HOMILIA: DEFINIÇÃO DE CONCEITO E BREVE HISTÓRIA

Em primeiro lugar, é necessário referir que a homilia é um tipo de pregação e que se caracteriza por se situar «no interior da acção litúrgica e por pertencer à mesma celebração como uma das suas componentes»¹⁰.

Não obstante esta definição, os termos “homilia”, “pregação” e “exegese”, na descrição e interpretação levada a cabo por certos autores, prestam-se a alguns equívocos. De facto, eles referem-se, muitas vezes, à homilia com os termos “pregação” e “pregação homilética”.

A fim de evitarmos uma má compreensão relativamente à homilia, vamos apresentar as características da “homilia”, da “pregação” e da “exegese”, a partir das definições próprias, colhidas na ampla bibliografia sobre o tema. Na síntese final, poderemos assim avançar a nossa própria definição.

1. Homilia

A homilia é um dos elementos mais antigos constitutivos da acção litúrgica e as suas raízes mergulham na liturgia sinagoga, como relata Lc 4, 21, referindo-se ao início da vida pública de Jesus Cristo, na sinagoga de Nazaré.

Ela «gira em torno dos acontecimentos que aproximam o Reino e que já estão acontecendo, nos quais se vêem a mão e o espírito de Deus e que ocorrem por meio dos homens, porém, de homens movidos por Deus. Chegam, portanto, até nós como dom de Deus»¹¹.

¹⁰ SC 52.

¹¹ L. MALDONADO, *A Homilia – pregação, liturgia, comunidade*, 16.

Ela deve ser entendida na dupla função que deve prestar: no serviço à Palavra de Deus e à assembleia do Povo cristão, que a deve aplicar nas suas vidas quotidianas.

Na homilia ou na «exortação homilética, o critério central deve ser sempre a Palavra, que é a que ilumina a nossa vida e a que provoca a nossa resposta de acolhimento e de compromisso»¹².

1.1. Etimologia

Em grego, o termo *ὁμιλία* (homilia) designa uma “companhia”, “reunião” e “prática familiar” ou “conversa familiar”. Em latim, está ligado à palavra “*sermo*” que significa conversa. Em português, não tem ligação ao termo “sermão”.

A homilia é considerada uma das várias formas de pregação: «entre as várias formas de pregação sobressai a Homilia, que é parte integrante da própria liturgia e se reserva ao sacerdote ou diácono»¹³.

a) Comunicação familiar com fidelidade à Palavra de Deus

No *Dicionário da Evangelização*, é apresentado o significado da expressão “homilia” que nos «indica conversa ou comunicação familiar»¹⁴.

¹² J. ALDAZÁBAL, «Aplicação da Palavra ao “hoje” e “aqui”», in AA.VV., *A arte da homilia*, Paulinas, São Paulo, 2006, 52.

¹³ J. Q. BIGOTTE, «Homilia», in AA.VV., *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*, Editorial Verbo, Lisboa/ São Paulo, 1999, 1337-1338.

¹⁴ J. E. BIFET, «Compartir a celebração litúrgica», in AA.VV., *Dicionário de la Evangelización*, BAC, Madrid, 1998, 348.

Apesar da homilia se apresentar como conversa ou comunicação familiar, ela é, «ao mesmo tempo, palavra de Deus. Não há dúvida de que não tem o mesmo valor universal da Bíblia, na qual a Igreja reconhece a autêntica Palavra de Deus. Mas é também palavra de Deus ao nível da comunidade celebrante»¹⁵ e, como tal, «constitui um todo com a proclamação do Evangelho»¹⁶.

Tendo em conta o seu carácter familiar, a homilia é a palavra do ministro da comunidade que é dirigida aos fiéis, como se se tratasse de um irmão que fala para outros seus irmãos, com o intuito de ajudar a entender ou de tornar perceptível aquilo que foi dito nas leituras bíblicas de modo a que se aplique à vida dos crentes. É por isso «um “serviço” que o ministro faz aos outros crentes para que compreendam a Palavra anunciada como “Palavra-para-nós-hoje”»¹⁷. Pretende-se então ajudar a captar a mensagem da Palavra proclamada no presente de forma a torná-la praticável no dia-a-dia, pois ela é a actualização «da mensagem proclamada pelas leituras bíblicas às necessidades actuais e concretas da comunidade»¹⁸.

Nela deve expor-se «no decorrer do ano litúrgico o mistério da fé e as normas da vida cristã»¹⁹.

Desta forma a homilia prende-se com um carácter bíblico, na medida em que deve partir da Palavra de Deus que foi escutada, para que seja posta ao serviço de toda a comunidade a fim de que a sua situação existencial seja iluminada. Dirigida por isso a todos os baptizados presentes no mistério sacramental que se celebra, ela deve contribuir para a edificação de toda a comunidade e para o fortalecimento da fé que cada um já possui.

Por fim, esta comunicação familiar deve ressaltar a unidade entre a mesa da Palavra e a mesa do sacramento que se vive e celebra, adquirindo uma função mistagógica.

¹⁵ L. DEISS, *A missa da comunidade cristã*, 44.

¹⁶ D. J. M. LUSTIGER, *A missa*, 95.

¹⁷ J. ALDAZÁBAL, «A homilia, de actualidade», in AA.VV., *A arte da homilia*, 10.

¹⁸ R. SALA, «La homilia», in *Phase* 25-26 (1965) 55.

¹⁹ J. Q. BIGOTTE, «Homilia», 1337-1338.

b) Parte integrante da acção litúrgica

No ano de 1960, a homilia, embora fosse considerada útil, era ainda vista como uma interrupção da acção ou da celebração litúrgica. Não muito tempo depois, definia-se já «como parte da própria celebração, um prolongamento normal da leitura da Palavra bíblica, não só na Eucaristia, mas em todos os sacramentos e celebrações, incluída a Liturgia das Horas»²⁰, acentuando-se, aqui, uma significativa mudança de perspectiva.

Não é errado, por isso, afirmar ou definir a homilia como «a comunicação da Boa Nova dentro da celebração litúrgica, que é o seu âmbito próprio. É uma exortação ao que se crê já globalmente (como evangelizados) e se vai entendendo em profundidade (como catequizados)»²¹.

Considerámo-la, desta forma dentro dos parâmetros litúrgicos dado que ela é parte integrante de uma acção litúrgica e em que o seu texto «é um verdadeiro texto litúrgico»²².

c) Forma concreta de pregação

Embora a homilia seja considerada uma forma de pregação, isto não quer dizer que ela própria seja uma pregação. Tem o seu lugar próprio dentro de uma celebração litúrgica.

A pregação, ao contrário da homilia não tem necessariamente que ocorrer dentro de uma celebração litúrgica e por isso não tem que ir forçosamente ao encontro da Palavra proclamada. Com a homilia não se pretende expor um tema ou desenvolver verdades e doutrinas a partir dele. Na homilia, o centro é a Palavra proclamada, da qual tudo deriva. A

²⁰ J. ALDAZÁBAL, «A homilia, de actualidade», in AA.VV., *A arte da homilia*, 11.

²¹ J. ALDAZÁBAL, *El ministerio de la homilia*, 23-24.

²² R. SALA, «La homilia», 56.

homilia pretende ser assim anúncio da Palavra, do amor de Deus, porque Ele próprio é Amor, que suscita à Igreja uma resposta de amor.

Podemos então mencionar que «a homilia é uma forma concreta e, diríamos, especial de pregação»²³ considerando «“pregação” e “homilia” como duas realidades perfeitamente distintas»²⁴.

d) Jesus Cristo, núcleo da mensagem

Ao contrário do que possa ser entendida por muitos, a homilia não é uma aula, nem uma conferência e «não se dirige primariamente à zona intelectual, mas ao núcleo central da sua pessoa, ao “tu” pessoal»²⁵ e sendo um acontecimento actual «deve ter como tema central a actualidade, os factos actuais (e Jesus Cristo como núcleo desta actualidade)»²⁶. Torna-se evidente relacionar Jesus Cristo e a sua mensagem com o tempo, o mundo e o homem que nele vive.

O homileta tem que ser capaz de transpor a mensagem de Jesus Cristo, contida nas leituras proclamadas para a realidade presente, para aquilo que são os desafios, esperanças, alegrias e tristezas vivenciadas pelo povo de Deus, na actualidade. «É no meio das realidades humanas, visíveis, sociais, nos factos, que se desenrola o destino do Reino. Esquecermo-nos destas realidades na sacristia é desencarnar a Palavra, que é Palavra, para nós, precisamente graças à sua encarnação»²⁷.

²³ *Ibidem*, 54.

²⁴ *Ibidem*, 54.

²⁵ L. MALDONADO, «Dodecálogo do pregador», in AA.VV., *A arte da homilia*, 75.

²⁶ *Ibidem*, 75.

²⁷ *Ibidem*, 76.

e) Apelo à conversão

Como já referimos, nela deve-se procurar, anunciar, proclamar e explicar «o que Deus fez no passado e o que se está realizando agora (especialmente na celebração que se leva a cabo), e tentar penetrar na nossa vida concreta para que vivamos plenamente a “celebração” da obra de Deus e tomemos consciência de uma conversão contínua face a Ele, a partir das nossas aspirações e necessidades»²⁸.

A homilia tem que ser objectivamente concreta porque é dirigida a uma assembleia que contém «uma finalidade precisa»²⁹. Ou seja, deve confluir numa resposta por parte daqueles que a escutaram, conduzindo-os a uma chamada de conversão que se manifeste em gestos visíveis e concretos. A homilia deve levar a uma interpelação de cada um dos ouvintes, deve ser inquietante e deve levá-los a interrogarem-se acerca de si mesmos, das suas vidas e da sua vivência no interior da comunidade e, por isso, na relação consigo mesmos, com os outros e com Deus. Deverá «ajudar a que a alegria, a esperança e a denúncia da Palavra cheguem a iluminar as circunstâncias concretas que vivemos; que a comunidade se olhe ao espelho da Palavra e aceite o compromisso do seu acolhimento»³⁰. A conversão que se pretende com a homilia «consiste em uma sacudida pessoal, estremecimento dos fundamentos basilares do meu eu, reviravolta de todo o meu ser, de minha maneira de ver a vida, de minhas metas, de minhas atitudes profundas, de meu coração e de minhas ações; portanto, não só de minhas ideias»³¹.

Desta forma, ela deve contribuir para que «a Palavra de Deus, proclamada, celebrada e vivida, seja o que radicalmente tem de ser: dadora do sentido último da existência fiel»³².

²⁸ AA. VV., «La homilia», in *Phase* 28 (1965) 229.

²⁹ R. SALA, «La homilia», 56.

³⁰ J. ALDAZÁBAL, «Aplicação da Palavra ao “hoje” e “aqui”», in AA.VV., *A arte da homilia*, 49.

³¹ L. MALDONADO, *A homilia – pregação, liturgia, comunidade*, 169.

³² J. LLOPIS, «Exegese e homilia», in AA.VV., *A arte da homilia*, 33.

Em suma, é uma exortação que é feita por um ministro da Igreja a uma comunidade, num tom familiar, e que é realizada a partir da Palavra de Deus, que se torna actual para todos aqueles que a escutam em qualquer celebração litúrgica. É, por isso, dirigida a uma assembleia, constituída maioritariamente por baptizados e tem como objectivo que essa mesma Palavra incida sobre a vida dos mesmos e que os conduza a um processo de conversão interior e a um fortalecimento da fé, bem como a um verdadeiro compromisso por parte daqueles que a escutam, convertendo-se em prática de vida, isto é, a imitar os belos exemplos escutados, sem que deles se exclua o próprio homileta, para que sejamos salvos, criando «uma situação nova em nossa vida»³³. E como forma de credibilizar ainda mais as palavras pronunciadas pelo homileta, este não deve ter como única preocupação a transmissão cuidada da sua mensagem, mas ele próprio deve ser o eco daquilo que pronunciou, e, uma vez tornado isto visível com gestos e atitudes concretas, ele possa ser verdadeiramente um exemplo da Palavra para toda a comunidade.

1.2. Pregação

Homilia e pregação não são a mesma coisa. Depois de termos visto em que consiste a homilia, apresentaremos de seguida as características da pregação, evidenciando aquilo que difere uma da outra.

³³ L. MALDONADO, «La homilía», in D. BOROBIO (dir.), *La celebracion en la Iglesia I*, 259.

a) Etimologia

A pregação vem do latim “*praedicare*” (proclamar, anunciar em voz alta); é uma apresentação oral da mensagem cristã. A Igreja recebeu o encargo de «pregar o evangelho a toda a criatura»³⁴ (cf. Mc 16, 15). «A palavra “pregar” equivale, hoje em dia, indistintamente a anunciar o acto da Salvação, a exortar ou a ensinar»³⁵.

Só por isto verificamos já que homilia não é sinónimo de pregação. Mas, aprofundemos mais as características da pregação.

b) Anúncio solene

Pregar é «anunciar solenemente a Palavra de Deus, encarnada em Jesus Cristo, que manifestou a sua eficácia infinita através do mistério da paixão, morte e ressurreição. É uma proclamação, em nome de Deus e por ministério da Igreja, que realiza a seu modo, pela graça que Deus lhe vincula, a salvação»³⁶.

A pregação pode versar, e em muitos dos casos é assim que acontece, sobre um tema da fé cristã, tendo em vista a motivação, a formação e a edificação dos fiéis. Ela deve ser por isso, um apelo à conversão e à penitência, caso contrário, também ela pode correr o risco de se converter ou de se transformar numa conferência, em vez de ser um anúncio solene que invoca uma mudança de vida a partir e em consonância com a Palavra de Deus.

³⁴ A. JANELA, «Pregação», in AA.VV., *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*, 1133.

³⁵ R. SALA, «La homilia», 54.

³⁶ *Ibidem*, 54-55.

c) Pode não ser inserida numa acção litúrgica

A pregação não tem necessariamente que estar inserida numa acção litúrgica. Exemplificando³⁷, ela pode muito bem ocorrer num local público, por ocasião de uma festa em memória de um santo patrono. É o seu ambiente, o aspecto característico que a distingue da homilia.

Em suma, a pregação é uma apresentação oral ou um anúncio solene feito em voz alta efectuada por quem tem o múnus de a realizar. Não está obrigatoriamente incluída numa celebração litúrgica, porém deve versar sobre a Palavra de Deus e provocar nos seus ouvintes uma atitude de conversão.

1.3. Exegese

Mais de que um anúncio da Palavra de Deus, a exegese está antes direccionada para as questões hermenêuticas, ou seja, para a interpretação dos textos sagrados, que por vezes se nos apresentam com um elevado grau de incompreensão.

É portanto considerada uma ciência.

³⁷ Ela pode também ter lugar, por exemplo, no início ou no final de várias procissões, que podem ser marianas ou não.

a) Etimologia

O termo exegese deriva de *exégesis* (“interpretação de sinais, de palavras”). É a «ciência prática de interpretação da Bíblia»³⁸.

Verificámos então que exegese e homilia são duas realidades perfeitamente distintas. Pois, a homilia «não é *exercício de exegese*. É verdade que ela segue, de modo imediato, algumas leituras da Escritura e deve manter estreita relação com elas, mas a homilia não é a exposição de exegese dos textos proclamados»³⁹.

b) Questões hermenêuticas

A exegese pode ser considerada um trabalho científico de hermenêutica que incide sobre os textos bíblicos. Prende-se com questões hermenêuticas estudadas em gabinete, «cujo objectivo fundamental é *compreender* melhor a Palavra de Deus contida na Bíblia»⁴⁰, procurando chegar a um conhecimento científico e profundo dos textos.

Trata-se de explicar o texto que, muitas vezes, é considerado obscuro e de difícil compreensão, sem que se tenha a pretensão de provocar uma atitude de conversão, naqueles que lêem ou escutam os textos.

Sintetizando, a exegese é uma ciência que tem como objectivo fundamental a interpretação da Sagrada Escritura, com o intuito de compreender melhor o que nela está contido, mas não tem necessariamente implicações intrínsecas ontológicas, ou seja, não tem em vista nenhuma alteração interior ou conversão do ser humano.

³⁸ A. G. NEVES, «Exegese», in AA.VV., *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*, 525.

³⁹ L. MALDONADO, *A homilia – pregação, liturgia, comunidade*, 169.

⁴⁰ J. LLOPIS, «Del mal uso de la exégesis en la homilía», in *Phase* 66 (1971) 528.

Em suma, podemos dizer que homilia, pregação e exegese são termos totalmente distintos e em alguns casos com finalidades divergentes, e, noutros, complementares.

A exegese preocupa-se com uma melhor interpretação da Sagrada Escritura, prendendo-se com questões hermenêuticas, não se preocupando forçosamente com a conversão dos fiéis. Já a pregação tem como finalidade a conversão interior daqueles que a escutam a exemplo da homilia, que é um género de pregação, que surge sempre dentro do contexto de uma celebração litúrgica «não só na eucaristia mas em todos os sacramentos, na liturgia das horas e nas vigílias. Vai unida a todo esse conjunto de elementos que constituem a celebração. Não é uma peça autónoma»⁴¹, ao contrário da pregação.

E é com o tema da homilia que nós prosseguiremos o nosso trabalho, tendo presente que ela surge sempre depois da escuta da Palavra de Deus e que por isso é parte integrante da celebração litúrgica.

1.4. Jesus – o Homileta

Jesus é o Homileta por excelência, porque Ele próprio é a Palavra encarnada. Enviado pelo Pai para viver entre os homens, trouxe a missão de anunciar e explicar a Sagrada Escritura. O seu anúncio e a sua explicação fazem com que muitos acreditassem n'Ele e o seguissem.

Segundo Lucas, num dia de Sábado, Jesus entrou na sinagoga e:

«Entregaram-lhe o livro do profeta Isaías e, desenrolando-o, deparou com a passagem em que está escrito: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor”. Depois, enrolou o

⁴¹ L. MALDONADO, «La homilía» in D. BOROBIO (dir.), *La celebracion en la Iglesia I*, 258.

livro, entregou-o ao responsável e sentou-se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele. Começou, então, a dizer-lhes: “Cumpru-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir”» (Lc 4, 17-21).

Jesus é o homileta por excelência. Nele se cumpre toda a Escritura. É este também o seu desejo para cada um dos batizados, que através da sua vida, através dos seus actos, das suas palavras, cumpram a Palavra. É através da homilia que devemos aprender como poderemos pôr em prática essa mesma Palavra, fazendo dela vida para nós, no aqui e agora.

1.5. Homilia ao longo da História da Igreja

A homilia, ao longo da História da Igreja, foi sofrendo várias alterações. Houve períodos em que foi fortemente valorizada tanto na liturgia como nos documentos da Igreja. Contudo houve períodos em que ela foi quase nula ou substituída por uma pregação levada a cabo na sua maioria por frades que a situavam fora do contexto litúrgico.

Assim sendo e devido à amplitude do assunto, analisaremos o tema da homilia ao longo de vários períodos da História da Igreja.

1.5.1 Tradição bíblica

Relativamente à tradição bíblica convém referir que «enquanto testemunho histórico da fé do povo de Deus, a Bíblia documenta também as formas orais da fé que precederam a Escritura e ao uso interpretativo desta»⁴².

Relativamente ao A. T. deparámo-nos com imensas passagens bíblicas, onde se faziam interpretações das tradições orais, para que o povo pudesse compreender mais e melhor a mensagem dada por Deus.

Em Neemias, vemos que, de regresso do exílio da Babilónia, a assembleia convocada se reúne com os levitas a fim de ser instruída com acções homiléticas (cf. Ne 8, 8).

Eram também relatados vários testemunhos, nas assembleias, acerca das obras que Deus operava em cada um. Tudo isto era realizado «e comunicado ao povo para que se dê conta do que o Senhor trabalha e diz actualmente, se converta e viva segundo a *lei*, admire, louve e bendiga o Senhor»⁴³.

No Judaísmo intertestamentário, a homilia era tida em conta como uma linguagem de consolação, que era realizada de forma a que o texto bíblico fosse aplicado em situações actuais da vivência do povo.

No tocante ao N.T., «Lucas descreve os começos da pregação de Jesus nas sinagogas (cf. Lc 4, 15) e mostra o Ressuscitado a explicar as Escrituras aos dois que estão a caminho de Emaús (Lc 24, 27) e aos onze (Lc 24, 44-45)»⁴⁴. Na primeira carta de Pedro e em Hebreus são reconhecidas verdadeiras homilias.

«A palavra apostólica, que realiza a presença do Senhor que fala aos seus discípulos, é também profética enquanto que a memória de Jesus não só é anunciada, mas também

⁴² L. D. TORRE, «La tradición bíblica», in AA.VV., *Nuevo Diccionario de Liturgia*, Paulinas, Madrid, 1998, 1016.

⁴³ *Ibidem*, 1017.

⁴⁴ *Ibidem*, 1017.

interpretada e actualizada»⁴⁵. A homilia podia fazer-se de diferentes modos: dialogada, ou então no modelo eclesial, que consiste na leitura dos textos sagrados perante a assembleia cultural, realizando depois através de uma única pessoa a interpretação daquilo que foi lido, como «acontecimento actual que salva e edifica toda a comunidade»⁴⁶.

Na tradição eclesiástica, a metodologia era análoga. O presidente, depois de lida a Escritura fazia uma exposição explicativa referente à mesma.

Este é um «período marcado pela celebração do Mistério Pascal. Aquilo que faz e constitui a Igreja é a “fracção do pão”: a “Ceia do Senhor”; a Eucaristia. Fé – culto e Caridade, Palavra anunciada (Kerigma), celebrada e vivida (Lex orandi – lex credendi – lex vivendi) são o tripé em que se apoia todo o anúncio e obra de evangelização»⁴⁷.

1.5.2 Primeiros três séculos da era cristã

Sabemos que nos primórdios da Igreja as celebrações eucarísticas realizavam-se num local privilegiado «para ler e comentar as cartas dos Apóstolos. Esta explicação devia ter um tom discursivo e, às vezes, dialogal, e correspondia ao cabeça da comunidade, em virtude do dom recebido»⁴⁸. Na assembleia cultural onde a Palavra era proferida estava-se atento na sua escuta para a aplicar à vida como acontecimento que edificava e salvava a comunidade.

Para além da II carta de Clemente, S. Justino, professor de Filosofia, por volta do ano 150, na *Apologia I* diz-nos o seguinte:

«No dia que se chama do sol, celebra-se uma reunião de todos os que moram nas cidades ou nos campos, e aí se lêem, enquanto o tempo o permite, as Memórias dos Apóstolos ou as Escrituras dos profetas.

⁴⁵ *Ibidem*, 1018.

⁴⁶ *Ibidem*, 1018.

⁴⁷ C. M. P. AQUINO, «A Liturgia da Palavra na Tradição da Igreja», in *Bíblica* 14 (2005) 118.

⁴⁸ J. A. ABAD, «Homilía», in AA.VV., *Diccionario del Agente de Pastoral Litúrgica*, 266.

Quando o leitor termina, o presidente faz uma exortação e convite para imitarmos esses belos exemplos»⁴⁹.

Mais tarde e agora por volta do ano 197, há uma referência de Tertuliano às exortações que eram feitas depois de escutada a Palavra de Deus, para que esta pudesse ter uma melhor interpretação.

Uma outra intervenção foi realizada por Inácio de Antioquia a Policarpo de Esmirna a incentivá-lo a manifestar-se contra os ofícios desonestos e que para isso faça uma homilia.

Os ministros da Igreja têm esta obrigação de dar a conhecer a Palavra de Deus ao povo e de a explicar, no intuito de a tornar mais perceptível.

Orígenes foi pioneiro na arte da homilia como explicação da Palavra de Deus, tornando-a acessível ao povo para que pudesse captar o seu sentido espiritual com aplicações práticas para a vida de cada um. «O seu método fazia escola e as suas homilias, traduzidas para o latim por Rufino, seriam muito lidas e usadas»⁵⁰.

1.5.3 Época patrística (séc. IV-VII)

Nesta época, havia uma grande contribuição dos bispos que faziam a homilia com um carácter de prática fraterna. Dentro da celebração litúrgica, sendo eles quase sempre a presidir, era a eles que competia dirigir a palavra ao povo. Contudo, algumas vezes, eram feitas por leigos e também, muitas vezes, por presbíteros⁵¹, mas só com autorização dos bispos. Isto revelou-se tanto no Oriente como no Ocidente.

⁴⁹ JUSTINO DE ROMA, *I e II Apologias – Diálogo com Trifão*, 67, Paulus, São Paulo, 1995, 83.

⁵⁰ J. A. ABAD, «Homilia», in AA.VV., *Diccionario del Agente de Pastoral Litúrgica*, 266.

⁵¹ «Orígenes chegou a pregar por mandato do bispo sendo todavia leigo, e também muitas vezes depois como presbítero»: in J. ALDABAL, *El ministerio de la homilia*, 55.

Só no séc. VI, com Cesário que presidiu ao Sínodo de Orange em 529, é que os presbíteros que presidiam à Eucaristia, por falta do bispo, o podiam fazer livremente para o bem das comunidades. Alguns diáconos também o faziam a mando dos seus bispos.

No Oriente, João Crisóstomo abraça o método antioqueno. Demonstra uma grande preocupação em utilizar a Palavra de Deus, sobretudo o N. T. e de «actualizar a palavra de Deus nas diversas situações da comunidade cristã»⁵².

Já no Ocidente, Agostinho tem a grande preocupação de elaborar «o primeiro tratado exegético-homilético em quatro livros: *De doctrina christiana*»⁵³. A sua atenção assenta, essencialmente, em três objectivos: agradar, instruir e persuadir os seus ouvintes. Nota-se uma especial preocupação em edificar o povo. Estuda oradores profanos e examina exemplos eloquentes como os de Paulo, Cipriano e Ambrósio. Revela uma distinta preparação minuciosa daquilo que irá transmitir com grande preocupação em santificar os ouvintes, para que estes possam ter uma vida exemplar e de oração, certamente como a dele próprio. Apaixonado pela Escritura, Santo Agostinho é um homileta que explica «a Bíblia com a Bíblia»⁵⁴.

De Gregório Magno «conservam-se mais de seiscentas homilias»⁵⁵. Defende que «o método expositivo deve adequar-se concretamente às diferentes categorias de pessoas»⁵⁶ e que as homilias deviam seguir «a tradição monástica da *lectio continua*, mas sempre atentas ao contexto político e cultural do tempo»⁵⁷.

Para ele, era muito importante que a Palavra fosse proclamada com arte e anunciada com uma certa elegância.

⁵² L. D. TORRE, «La Tradición Bíblica», in AA.VV., *Nuevo Diccionario de Liturgia*, 1020.

⁵³ *Ibidem*, 1020.

⁵⁴ J. A. ABAD, «Homilía», in AA.VV., *Diccionario del Agente de Pastoral Litúrgica*, 267.

⁵⁵ L. D. TORRE, «La Tradición Bíblica», in AA.VV., *Nuevo Diccionario de Liturgia*, 1021.

⁵⁶ *Ibidem*, 1021.

⁵⁷ *Ibidem*, 1021.

O tempo máximo das homilias deveria rondar os vinte minutos, sendo que a maioria era de quinze e dez minutos, à excepção de alguns sermões que poderiam durar meia hora e até de uma hora, por exemplo, com santo Agostinho. Nestes casos tornava-se evidente que o orador pedisse desculpa ao povo pela demora.

A homilia era feita sobretudo ao Domingo, mas também à semana, assim como na Quaresma, na semana que antecedia a Páscoa e em festas de santos.

Realizava-se do local onde se celebrava a Eucaristia, embora raramente se fizesse fora da igreja, como no caso de se efectuar junto aos túmulos dos mártires.

Nesta época era frequente que os oradores, na sua maioria bispos, se queixassem da pouca assistência dos fiéis, que era considerada bastante heterogénea, e de que alguns se iam embora no final ou até mesmo durante a homilia (cf. Heb 10, 24-25).

Em suma, neste período, é a retórica que é considerada a grave causa que põe em risco a homilia.

1.5.4 Época medieval

Infelizmente, nesta época, perde-se muitíssimo da referência aos textos bíblicos e a novidade é a tematização da pregação. A partir de um tema ou de uma frase retirada da Sagrada Escritura, elaborava-se todo um manancial discursivo, que era desenvolvido na presença dos fiéis, «com ordem, segundo repartições, subdivisões, definições e explicações»⁵⁸.

Para aqueles que tinham mais dificuldade em fazer a homilia, foram publicados diversos “*homiliários*”, de recolhas de homilias que se fizeram, como de Agostinho e Gregório, com

⁵⁸ *Ibidem*, 1022.

uma disposição, segundo o prosseguimento do ano litúrgico, que tanto podiam ser lidas directamente aos fiéis como poderiam servir para uso próprio dos homilistas.

Como reacção, nasce a pregação popular, que possuía uma grande preocupação com a «vida religioso-moral do povo, utilizando exemplos, narrações e lendas»⁵⁹.

1.5.5 Época moderna

Esta época ficou fortemente caracterizada pela liturgia em língua vernácula proposta pela reforma protestante. A par disso, ficou também marcada «por um acesso dos fiéis à bíblia e uma pregação mais fiel à palavra de Deus»⁶⁰. Foi assim defendida uma maior fidelidade à Palavra de Deus.

É de realçar que o Concílio de Trento propôs uma valorização da Bíblia, da homilia dos Padres e do método da catequese.

Neste Concílio os leigos foram proibidos de pregar, ao contrário do que já se tinha verificado anteriormente.

1.5.6 Época contemporânea

Leão XII (1760-1829), Papa desde 1823 até à sua morte, lamenta os «abusos na eleição dos temas e a forma de os tratar»⁶¹.

⁵⁹ *Ibidem*, 1022-1023.

⁶⁰ *Ibidem*, 1023.

⁶¹ *Ibidem*, 1024.

O Concílio Vaticano II «dedicou à homilia uma atenção específica»⁶² e revalorizou, de forma efectiva, o ministério da homilia, aliás como o fez também com a própria Palavra de Deus e com a proclamação da mesma.

A homilia passa assim a ser compreendida ou concebida como parte integrante da própria acção ou celebração litúrgica, restabelecendo a sua própria identidade. Foi um grande avanço, realizado pelo Concílio Vaticano II, «ao ressituar a homilia dentro da celebração, e não como um corpo estranho»⁶³.

O Concílio recomendou, encarecidamente, que ela fosse assumida como parte integrante da própria Liturgia e nela se expusessem, de acordo com os textos sagrados e ao longo do ano litúrgico «os mistérios da fé e as normas da vida cristã»⁶⁴. Daí se compreenda a insistência: «Não se omita, a não ser por motivo grave, nas Missas que ao domingo e festas de preceito se celebram com afluência do povo»⁶⁵.

A homilia passa assim a ser considerada anúncio «das maravilhas de Deus na história da salvação ou mistério de Cristo, o qual (mistério) está sempre presente e operante em nós, sobretudo nas celebrações litúrgicas»⁶⁶.

⁶² *Ibidem*, 1024.

⁶³ J. ALDAZÁBAL, *El ministerio de la homilia*, 31.

⁶⁴ SC 52.

⁶⁵ SC 52.

⁶⁶ SC 35, 2.

1.5.7 Actualidade

Na actualidade são inúmeros os subsídios⁶⁷ que podem servir de ajuda para a elaboração de uma homilia. Estes consistem em vários livros publicados para estes fins, assim como alguns sites disponíveis na internet.

Não obstante todos estes subsídios, não quer dizer que a qualidade das homilias neste actual período da Igreja seja melhor que outrora. A má utilização destes subsídios pode levar a um certo descuido na preparação da homilia por parte daqueles que têm a missão de a elaborar. Estes subsídios só devem ser utilizados por aqueles que vão fazer a homilia, depois de terem lido os textos sagrados e neles terem meditado. Devem servir unicamente de apoio e não como algo definitivo a apresentar numa celebração litúrgica ao povo de Deus. Que o homileta não se furte do trabalho a que deve estar efectivamente compelido a realizar.

⁶⁷ A título de exemplo: M. BAPTISTA SOUSA, *Reflexões para os Domingos e Dias de Preceito*, Edição do Autor, Póvoa de Varzim, 2007. M. REBELO SOUSA, *Os Evangelhos de 2001*, Bertrand, Março, 2001. K. STOCK, *La Liturgia de la Palabra – Comentário a los Evangelios dominicales y festivos Ciclo A*, Edições São Paulo, Madrid, 2007. K. STOCK, *La Liturgia de la Palabra – Comentário a los Evangelios dominicales y festivos Ciclo B*, Edições São Paulo, Madrid, 2005. *Idem*, *La Liturgia de la Palabra – Comentário a los Evangelios dominicales y festivos Ciclo C*, Edições São Paulo, Madrid, 2006. BENTO XVI, *Homilias – O ano litúrgico comentado por Joseph Ratzinger*, Editorial Franciscana, 2009. J. CRUZ POLICARPO, *A Palavra Celebrada – Homilias*, Col. Obras Escolhidas 4, Universidade Católica, Lisboa, 2003. *Idem*, *Obras Escolhidas – Missão na Cidade*, Universidade Católica, Lisboa, 2005. J. BORTOLINI, *Comentários às Leituras da Liturgia Dominical Ano A*, Paulistas, Lisboa, 1992. J. MIGUEL MOREIRA SEABRA, *Directo ao assunto: homilias paroquiais de Santos-o-Velho*, Lucerna, 2003. F. ARMELLINI, *O Banquete da Palavra – ano A*, Paulinas, Lisboa, 1998. *Idem*, *O Banquete da Palavra – ano B*, Paulinas, Lisboa, 1999. *Idem*, *O Banquete da Palavra – ano C*, Paulinas, Lisboa, 2001.
<http://www.dehonianos.org/portal/liturgia.asp>. http://vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/index_po.htm.

Capítulo II. DIMENSÕES TEOLÓGICAS DA HOMILIA

Neste segundo capítulo, de natureza teológica, abordaremos questões relacionadas com a presença de Jesus Cristo na homilia e como ela é uma inspiração de Deus que continuamente está em diálogo com o ser humano. Ele comunica através de vários e diferentes modos, nomeadamente através de acontecimentos quotidianos e palavras de outrém.

Não obstante todos estes meios, para escutar Deus nas circunstâncias actuais, marcadas por correrias desenfreadas, em que o homem parece não ter tempo, nem sequer para si próprio, a maravilha do silêncio é fundamental para O escutar e entrar na plena intimidade e comunhão com Ele.

2.1. Presença de Cristo na homilia

A presença real de Jesus Cristo não se encontra somente nas espécies consagradas mas também na Palavra de Deus. Cristo dá-Se na mesa da Palavra, isto é, nos textos sagrados proclamados, bem como na mesa da Eucaristia, no pão e no vinho consagrados.

Ora, a homilia, tal como já anteriormente foi referido, deve ser alimentada e fielmente fundamentada pela Palavra. É da Palavra que a homilia deve falar, é a ela que deve ir “beber”, pois, «na exortação homilética, o critério central deve ser sempre a Palavra, que é a que ilumina a nossa vida e a que provoca a nossa resposta de acolhimento e de compromisso»⁶⁸. Ela é a Fonte ou a Raiz de tudo aquilo que d`Ela se possa dizer. Assim, a homilia parte da Palavra e procura direccionar a vida daqueles a quem se dirige, precisamente, para a Palavra, isto é, para uma conversão interior na fidelidade à mensagem contida na Sagrada Escritura.

⁶⁸J. ALDAZÁBAL, «Aplicação da Palavra ao “hoje” e “aqui”», in AA.VV., *A arte da homilia*, 52.

Desta forma, se Cristo está presente na Palavra, ou melhor, se Ele próprio é a «Palavra feita carne» (cf. Jo 1, 14), então Cristo está presente na homilia, é o centro de onde ela deriva e para o qual ela converge. Por isso, a homilia remete sempre para uma pessoa concreta, a Pessoa de Jesus Cristo, interpelando aqueles a quem se dirige a viver à Sua semelhança, no amor a Jesus, na plena e total comunhão e intimidade com Ele. Logo, como não poderia deixar de ser, Cristo, cabeça da Igreja, «pedra angular» (cf. Sl 118, 22), é também o centro da homilia, para que também possa ser assumido na vida de cada homem com essa mesma inquestionável e fulcral centralidade. É Cristo o nosso Senhor e Mestre que nos conduz para o Pai; é Ele «o Caminho, a Verdade e a Vida» (Jo 14, 6); é Palavra de amor que tem de ocupar um lugar central e intocável no coração de cada homem. Jesus tem de ser o centro da homilia para que ela toque a nossa existência concreta, pois Ele é o centro da nossa vida e da nossa fé, só Ele é fonte inesgotável de amor, penhor de esperança e alegria sem ocaso. É de tal modo central que dependemos totalmente d'Ele; só n'Ele vivemos, nos encontramos, nos dignificamos e nos redescobrimos.

Deste modo, e corroborando esta ideia, um ponto importante sobre o foco central da homilia diz-nos que «deve resultar claramente aos fiéis que aquilo que o pregador tem em mente é mostrar Cristo, que deve estar no centro de cada homilia»⁶⁹.

Bento XVI, na exortação apostólica pós-sinodal *Verbum Domini*, ao falar de “Cristologia da Palavra” cita a Encíclica *Deus caritas est* e frisa que «no início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo»⁷⁰.

⁶⁹ *Verbum Domini* 59.

⁷⁰ *Verbum Domini* 11.

Consequência dessa centralidade de Cristo é que se deve evitar «atrair a atenção mais para o pregador do que para o coração da mensagem evangélica»⁷¹. «Não nos pregamos a nós mesmos» – dizia São Paulo –, «mas a Jesus Cristo, o Senhor» (2 Cor 4, 5).

Assim sendo, o homileta é apenas um instrumento de Cristo, um instrumento do qual Deus Se serve para comunicar e falar ao coração dos fiéis, daqueles que escutam e procuram viver plenamente a sua Palavra. Ou seja, o homileta é um intermediário desta comunicação entre o humano e o divino, é um facilitador do diálogo estabelecido entre Deus, que sempre comunica e Se revela por via da Sua Palavra, e os homens, que são convidados a acolher com amor essa mesma Palavra e a responder livre e conscientemente a Deus.

Deste modo, «o autêntico presidente de toda a vida cristã – também da celebração e da homilia – é Cristo. Mas aqui é representado por um sacerdote que preside à Eucaristia e que assume a missão da pregação, dirigindo a palavra a essa comunidade. Logo actuará como sinal visível de Cristo na celebração do sacramento, sempre “in persona Christi”»⁷².

Então, aquele que fala em nome de Deus deve ter perfeita noção de que não fala por si mesmo, de si mesmo, mas de Deus aos outros. Deve fazê-lo com convicção e paixão, mas também com «humildade e com amor, a partir de “dentro” e não como auto-suficiência irónica ou demagógica, e pôr-se com todos à escuta dessa Palavra e ajudar os outros a entender as suas implicações»⁷³.

2.2. Inspiração do Espírito Santo

Se é o próprio Deus que fala aos homens na homilia, se Cristo Se torna presente nas palavras proferidas pelo homileta, então esta presença divina tem de Se manifestar e sentir

⁷¹ *Verbum Domini* 59.

⁷² J. ALDAZÁBAL, *El ministerio de la homilia*, 112.

⁷³ J. ALDAZÁBAL, «Aplicação da Palavra ao “hoje” e “aqui”», in AA.VV., *A arte da homilia*, 52.

desde o momento em que a homilia começa a ser preparada. Desta forma, após a leitura atenta dos textos sagrados e depois de interpretados, meditados, assimilados e interiorizados, o homileta deve abrir-se, humildemente e livre de qualquer preconceito, à voz do Espírito Santo que o inspirará e iluminará na elaboração da homilia, para que esta conserve intacta a fidelidade à Palavra e não perca a sua eficácia nem negue o seu propósito.

Por conseguinte, «além da activa presença de Cristo na pregação, há outro protagonista importante em todo o processo: o Espírito Santo»⁷⁴. Assim como o Espírito inspirou todos os autores sagrados e todos aqueles que se deram ao anúncio apaixonado do Evangelho ao longo da história da Igreja, hoje inspira os cristãos que celebram a Palavra, que vivem e se alimentam da mesma, nomeadamente aqueles que ensinam e exortam à conversão a partir dessa mesma Palavra. Deste modo, aqueles que escutam a Palavra e as palavras do homileta, recebem e sentem a presença do Espírito Santo, de forma a que cada um compreenda aquilo que Deus quer dizer através dessa mesma Palavra ao mais íntimo de si mesmo e à vida concreta de cada um. É o Espírito Santo que faz com que «a palavra escrita se converta em Palavra viva hoje e aqui»⁷⁵, ou seja, é a terceira pessoa da Santíssima Trindade que permitirá um acolhimento tal da Palavra, também por via da homilia, que permita que cada um viva essa Palavra, plena, profunda e intensamente, fazendo da própria existência o Evangelho vivo, “reencarnado” hoje para dar um testemunho verdadeiro de amor e de esperança aos homens e mulheres do nosso tempo, para que a mensagem divina e o desejo de Deus de entrar em diálogo de comunhão com todos os Seus filhos se concretize em cada coração e traga a salvação e a felicidade plena a todos, sem excepção.

⁷⁴J. ALDAZÁBAL, *El ministerio de la homilia*, 44.

⁷⁵*Ibidem*, 45.

2.3. Diálogo de Deus com os homens

«Deus é amor» (1Jo 4, 16) e todas as Suas obras são manifestação e consequência desse amor. Também o modo como Deus Se revela, Se dá a conhecer e comunica com o homem são reflexo desse amor. Aliás, o simples facto de Deus sair da Sua intimidade para Se “mostrar” e revelar ao homem é já um sinal inequívoco do Seu amor. Além disso, todo o diálogo travado com o homem é um diálogo amoroso, promotor de uma intimidade sem par, um diálogo carregado de misericórdia e perdão, persistente e tecido de esperança.

Todos os dias, especialmente aos Domingos e dias Santos de guarda, são muitos os fiéis que se reúnem em suas comunidades para escutar a Palavra de Deus e, por conseguinte, ouvir a sua explicação através do diácono ou do sacerdote. É uma grande multidão faminta desta Palavra, que procura uma orientação para as suas vidas, através dessa mesma Palavra. É importante considerar que esta multidão que se reúne em torno da mesa da Palavra e da mesa Eucarística, é a mesma que também todos os dias, passa muito do seu tempo diante da televisão, do rádio, que vive preocupada com os seus empregos, com o sustento das suas famílias, e que, muitas vezes, se encontram também com seriíssimos problemas. São problemas da mais variada ordem que podem estar ligados, ou não, com aquilo que o próprio ritmo social forçosamente nos impõe. Porém tudo isto exige da parte do Povo de Deus uma resposta de Fé, pois só assim poderá libertar-se de tudo aquilo que o aprisiona, e preocupa. Por estas e muitas outras razões, é que deve haver um grande esforço por parte daqueles que têm a missão de fazer a homilia, para que através dela incutam uma força renovada, uma “lufada de ar fresco” a toda esta gente, a fim de que prossigam o seu caminho, não se sentindo assim derrotados e sem esperança.

Por isso «muitas vezes e de muitos modos, falou Deus antigamente a nossos pais pelos profetas...» (Hb 1,1).

Existe uma vocação própria do povo de Israel que nos é narrada em Ex 19, 3-6:

«Moisés subiu para Deus, e o Senhor chamou-o do alto do monte, dizendo: “Dirás o seguinte à casa de Jacob, anunciarás o seguinte aos filhos de Israel: Vistes (...) como vos transportei sobre asas de águia para vos trazer a Mim. Doravante, se escutardes a Minha voz e se fordes fiéis à Minha aliança, sereis, entre todos os povos, uma propriedade Minha. (...) Vós sereis para Mim um reino de sacerdotes e uma nação santa.” São estas as palavras que tu dirás aos filhos de Israel».

E Ex 19,8 continua: «E o povo respondeu: “Faremos tudo quanto o Senhor disse”.»

Este é o povo chamado a ser testemunha, por meio do qual Deus vai falar a toda a humanidade e entrar em diálogo com ela. Deus revela-Se e estabelece a Sua Aliança como expressão, precisamente, do diálogo entre si e os homens.

Mas, muitas vezes, na sua história, tal como nos relata o A.T., Israel foi infiel e desobediente a Deus. Deus, porém, expressão máxima de amor, não abandona o Seu povo, jamais deixa de entrar em diálogo com ele, jamais desiste de chamar a Si o seu povo eleito, sempre perdoa e espera a sua conversão, e envia-lhe os Profetas.

«Eu vos enviei todos os Meus servos, os profetas, dia a pós dia» (Jr 7, 25), para ajudar o povo a tomar consciência da grandeza da sua vocação como povo eleito, povo testemunha da acção de Deus na história humana, exortando-o a ser fiel à Aliança como meio de subsistir entre os outros povos: «Se não crerdes, não subsistireis.» (Is 7,9).

Como grande profeta que Deus envia ao Seu povo, Moisés é o primeiro entre os profetas de Israel: «Nunca mais apareceu em Israel um profeta semelhante a Moisés, com quem o Senhor falou face a face» (Dt 34, 10).

O profeta é alguém que fala, convicta e apaixonadamente, em nome de Deus, através de oráculos, exortações, orações e actos. É ele próprio, em primeiro lugar, que vive a Aliança com Deus, aderindo de todo o coração, na fidelidade a Deus que ama o Seu povo. Deus toca-o

intimamente e fala:

«Foi-me dirigida a palavra do Senhor nestes termos: “Antes que saíesses do ventre materno, Eu te consagrei e te constituí profeta entre as nações.” E eu respondi: Ah, Senhor, não sou um orador, sou ainda muito novo! Mas o Senhor replicou: “Não digas: sou ainda muito novo – porquanto irás aonde Eu te enviar, e dirás o que eu te mandar.” (...) Em seguida, o Senhor estendeu a sua mão, tocou-me na boca e disse-me: “Eis que ponho as Minhas palavras nos teus lábios; eis que hoje te dou poder sobre as nações e sobre os reinos para arrancares e demolires, para arruinares e destruíres, para edificares e plantares”» (Jer 1, 4-10).

Chamado por Deus, Jeremias abandona-se completamente nas Suas mãos, mesmo se na sua missão profética a sua sensibilidade extraordinária o faz desanimar, mesmo quando sente directamente as “agressões” de que são vítimas aqueles que se libertam de tudo para se dar ao anúncio apaixonado do Deus da vida, desejando, por isso, renunciar à sua vocação:

«Vós me seduzistes, Senhor, e eu deixei-me seduzir!
Dominastes-me e obtivestes o triunfo.
Sou objecto de contínua irrisão, e todos escarnecem de mim. Todas as vezes que falo é para proclamar: “Violência! Devastação!”
A palavra do Senhor converte-se para mim em insultos e escárnios, dia após dia.
A mim mesmo eu dizia: “Não pensarei mais n'Ele! Não falarei mais em Seu nome!” Mas dentro de mim ardia um fogo devorador, encerrado nos meus ossos.
Esforçava-me por contê-lo, mas não podia.» (Jer 20, 7-9).

O profeta sofre, é perseguido e humilhado, é votado ao esquecimento, ao desprezo e, deste modo, opera-se uma especial pedagogia de Deus que faz reconhecer que a obra profética vem de Deus e não dos homens, e que é preciso ter como certo o sofrimento e aceitá-lo. Vendo-se desprovido de toda a consolação humana e da eficácia da sua pregação, aprofunda no mais íntimo de si mesmo a espiritualidade da Aliança: Deus que ama o Seu povo rebelde, obstinado, não cessa de o chamar a Si, com a ternura e benevolência que Lhe são próprias.

De igual modo, Isaías é convidado pelo Senhor a anunciar a Sua palavra. Embora se

sinta fraco e pecador, o Senhor manifesta-se-lhe com poder irresistível:

«Ai de mim, estou perdido porque sou um homem de lábios impuros, que habita no meio de um povo de lábios impuros e vi com os meus olhos o Rei, o senhor dos Exércitos!

Um dos serafins voou na minha direcção, trazia na mão uma brasa viva (...) tocou com ela a minha boca e disse: “Repara, isto tocou os teus lábios, a tua culpa foi tirada, apagado o teu pecado!” Então, ouvi a voz do Senhor, que dizia: “Quem enviarei Eu? E quem irá por mim?” Então eu disse: - Eis-me aqui, enviai-me» (Is 6, 5-8).

Muitos foram os profetas, através dos quais Deus falou ao seu Povo. Mas agora, «Deus falou-nos por meio do seu Filho» (Heb 1, 2), aquele que é o único «mediador entre Deus e os homens, um homem: Cristo Jesus» (1Tm 2, 5). Jesus é o Logos, a Palavra viva e encarnada (cf. Jo 1, 14), a plenitude da Revelação Divina, «o Verbo eterno, que ilumina todos os homens, para habitar entre os homens e manifestar-lhes a vida íntima de Deus (cf. Jo 1, 1-18), Verbo feito carne, enviado “como homem para os homens”, “fala, portanto, as palavras de Deus” (Jo 3,34) e consuma a obra de salvação que o Pai lhe mandou realizar (cf. Jo 5, 36; 17,4)». Jesus Cristo é o Filho bem amado do Pai: «escutai-O» (cf. Mc 9, 7).

O próprio Jesus afirma «a palavra que ouvistes não é minha, mas é do Pai, que Me enviou» (cf. Jo 14, 24). Jesus transmite fielmente as Palavras de Deus, pois «aprouve a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e tornar conhecido o mistério da sua vontade»⁷⁶.

⁷⁶ *Dei Verbum* 2.

2.4. Jesus fala pelas palavras do homileta

O homileta deve ter a grande preocupação de, durante a homilia, pronunciar palavras que irão ao encontro da Palavra de Deus, pois, como já foi referido anteriormente, é Deus quem fala e é Cristo quem está presente na exortação homilética, para que a assembleia possa acolher essa mesma Palavra e levá-la para a vida com o intuito de a pôr em prática no dia-a-dia. Assim, o homileta deve omitir qualquer outro tipo de palavras que não sirvam para uma melhor recepção e percepção da Palavra de Deus por parte daqueles que o escutam. Daí que aquele que tem o dever de fazer a homilia se deva abrir à voz do Espírito Santo, para que, aquando da sua preparação, o homileta tenha como grande preocupação falar da Palavra e a partir da Palavra, evitando tudo o resto que não lhe diz respeito, de forma a que a homilia não sirva para «desabafos pessoais, ainda que muito legítimos»⁷⁷.

Isto só será possível com um trabalho prévio e cuidado do homileta, que passa por rezar, acolher e viver os textos sagrados, assumindo-os como Palavra de Deus para ele e para os demais, para aquele momento concreto das suas vidas.

O homileta será um instrumento de Deus, para dizer à assembleia e a ele próprio, aquilo que Deus quer dizer e não aquilo que ele gostaria de dizer, pois, tal como Jesus, o homileta deve ter a necessária humildade e simplicidade de coração para aplicar também a si a certeza de que «a palavra que ouvistes não é minha, mas d’Aquele que Me enviou» (cf. Jo 14, 24).

Trata-se afinal de escutar a Palavra, guardá-la e meditar nela a exemplo de Maria (cf. Lc 2, 19), procurando sempre ser fiel a Deus, abrindo-se confiadamente, sem reservas, à sua vontade salvífica.

⁷⁷ R. COLL-VINENT, «A comunicação nas homilias», in AA.VV., *A arte da homilia*, 55.

2.5. Anúncio da alegria

Fundada na própria Palavra de Deus, a homilia tem de estar impregnada pela mesma alegria e pela mesma esperança dessa mesma Palavra, por forma a não desvirtuar a mensagem que precisa de ser transmitida.

A Palavra de Deus é sempre Boa Nova, caminho de conversão e de festa interior e sem ocaso, pois constitui «farol para os meus passos e luz para os meus caminhos» (cf. Sl 119, 105). Aliás, o próprio Jesus afirma que são «felizes os que ouvem a Palavra de Deus e a guardam» (cf. Lc 11, 28) e Pedro enfatiza-o ao afirmar «só Tu tens palavras de vida eterna» (Jo 6, 68).

Por conseguinte, a homilia, enquanto anúncio da Palavra, deve comunicar àqueles a quem se destina a alegria sem fim que deriva do amor infinito de Deus aos homens. O Papa Bento XVI reafirma esta certeza, ao lembrar que «o anúncio da Palavra cria comunhão e gera a alegria»⁷⁸.

No entanto, esta não é uma alegria qualquer, a alegria banal que o mundo oferece e apregoa, mas antes:

«uma alegria profunda que brota do próprio coração da vida trinitária e é-nos comunicada no Filho. Trata-se da alegria como dom inefável que o mundo não pode dar. Podem-se organizar festas, mas não a alegria. Segundo a Escritura, a alegria é fruto do Espírito Santo (cf. Gl 5, 22), que nos permite entrar na Palavra e fazer com que a Palavra divina entre em nós e frutifique para a vida eterna. Anunciando a Palavra de Deus na força do Espírito Santo, queremos comunicar também a fonte da verdadeira alegria, não uma alegria superficial e efémera, mas aquela que brota da certeza de que só o Senhor Jesus tem palavras de vida eterna (cf. Jo 6, 68)»⁷⁹.

⁷⁸ *Verbum Domini* 123.

⁷⁹ *Ibidem*.

Perante a fraqueza do coração humano, que facilmente se entristece e desespera diante das dificuldades e contrariedades da vida, a homilia, ao explicar a Palavra e ao permitir uma comunicação mais próxima e mais íntima entre Deus e os homens, tem de ser hino de festa, grito gaudioso de uma esperança sem ocaso, o garante de uma alegria maior, inviolável e indestrutível, a alegria própria daqueles que colocam a sua confiança no Senhor e sentem a segurança de se saberem e sentirem filhos infinitamente amados por Deus, uma alegria livre de qualquer circunstância ou condicionalismo, porque uma alegria que liberta e regenera todos os que se prendem a Cristo, penhor de salvação e de amor.

Tudo o que o homileta diz tem de ser em ordem a esta alegria, tem de reflectir e comunicar esta alegria, ajudando cada um a descobri-la ou redescobri-la na Palavra que é o próprio Deus em comunicação íntima e amorosa com o homem, ou seja, ajudando cada um a vivê-la e a experimentá-la na conversão interior (nas atitudes e nos gestos conformes ao Evangelho) e iluminados por essa luz que irradia da Palavra da vida. Assim, será possível que cada um fique impregnado por essa mesma alegria e se torne arauto da mesma, contagiando o mundo com esse grito festivo e com essa felicidade perene.

2.6. Testemunho e interpelação de comunhão

A homilia constitui também um testemunho claro e inequívoco de comunhão. No primeiro capítulo referimos que, em grego, o termo designa uma “companhia”, “reunião” e “prática familiar” ou “conversa familiar”. De facto, a homilia é dirigida à grande família da comunidade, procurando gerar, precisamente, comunidade, isto é, um povo unido, fiel à Palavra de Deus, que saboreia a alegria ímpar e estreita de viver na comunhão fraterna, própria e genuína do ser e do viver em Igreja.

Além disso, se é Deus quem fala, se Cristo está presente e se o Espírito Santo é inspirador, a homilia é fruto da Trindade Santa, reflexo do amor uno e trino de Deus, que é exemplo perfeitíssimo e pleno de comunhão.

Por outro lado, a homilia interpela-nos também a promover a comunhão autêntica e verdadeira. Pois, voltando à afirmação do Papa Bento XVI já referida, «o anúncio da Palavra cria comunhão e gera a alegria»⁸⁰. Tudo na Palavra de Deus é um convite à comunhão. A fidelidade e o amor à Palavra são garante de comunhão, comunhão com Cristo e comunhão com todos os homens, porque, «aquele que guarda os seus mandamentos permanece em Deus e Deus nele; e é por isto que reconhecemos que Ele permanece em nós: graças ao Espírito que nos deu» (1 Jo 3, 24). Por conseguinte, o encontro com Ele conduz-nos ao encontro com cada irmão, vivido na partilha e no serviço mútuos aprendidos de Jesus e sempre vividos na Sua centralidade. Nesta medida, a homilia, proferida a partir da Palavra, só pode desafiar a viver nessa mesma comunhão. Caso contrário, não geraria a alegria a que se refere o ponto anterior, nem contribuiria para a construção de uma Igreja fiel, mediação querida por Cristo, desvirtuando a Sagrada Escritura e desobedecendo à vontade divina, pois o seu mandamento é este: «Que acreditemos no nome de seu Filho Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, conforme o mandamento que Ele nos deu» (1 Jo 3, 23).

2.7. Convite à missão

Pelas razões já enumeradas, e dado que a homilia exorta a uma mudança de vida, ela deve também constituir um convite à missão. E a missão de todos os cristãos é a missão da Igreja, isto é, a missão de anunciar a Palavra de Deus ao mundo, conforme refere a III Parte

⁸⁰ *Verbum Domini* 123.

da *Verbum Domini*, em todas as circunstâncias de tempo e de lugar, livre de qualquer condicionalismo ou reserva. No fundo, trata-se do imperativo pentecostal do «ide e ensinai» (cf. Mt 28, 19), pois Jesus desafia-nos sempre com estas palavras: «Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós» (Jo 20, 21).

A homilia tem de «convidar para a missão»⁸¹, tem de contagiar os seus ouvintes com este desejo, interior e ardente de anunciar Jesus Vivo e Ressuscitado a todos os homens. Apenas aquele que como Paulo diz «Ai de mim se não evangelizar!» (1 Cor 9,16b), molda a sua vida à luz da Palavra e com o seu testemunho entusiasmado e firme pode levar esse alimento da Palavra a outros corações, convertendo-os ao amor infinito de Deus. Só aquele que anuncia Cristo aos outros, em tudo o que faz e diz, dá vida à Palavra, e por conseguinte à homilia, com a sua própria vida.

2.8. Silêncio orante da assembleia e do homileta

Na liturgia da Palavra e liturgia Eucarística faltam momentos de silêncio, não porque não estejam indicados ou previstos nas rubricas, mas porque na prática não são observados.

Somente se a homilia tiver sido interessante e enriquecedora para a assembleia, esta será capaz de guardar, juntamente com o homileta, algum silêncio, ainda que por breves momentos; o silêncio de interiorização e assimilação do que se escutou que ajuda a fazer ressoar no coração dos ouvintes a reflexão, confrontando e iluminando a própria vida com as palavras escutadas. Estes momentos de silêncio no final de cada homilia são fundamentais, para que possamos ser habitados e dominados por aquilo que escutamos, para que *a posteriori* possa

⁸¹ *Verbum Domini* 59.

dar fruto, fruto a seu tempo, isto é, para que a vida e o interior de cada um se vá moldando e ficando conforme os ensinamentos da Palavra de Deus.

De igual modo, a «homilia não deveria ter início precipitadamente depois das leituras: há que dar tempo para que todos se sentem e, desde o silêncio, começar o comentário do sacerdote»⁸².

Deve ser um tempo propício para a interiorização daquilo que foi dito e escutado, como refere a *Instrução Geral do Missal Romano*: «A natureza deste silêncio depende do momento em que ele é observado no decurso da celebração. Assim, no acto penitencial e a seguir ao convite à oração, o silêncio destina-se ao recolhimento interior; a seguir às leituras ou à homilia, é para uma breve meditação sobre o que se ouviu»⁸³.

O silêncio deve ser algo que cada cristão deve procurar cultivar e educar em si próprio.

Uma maneira de comprovar a atenção dos fiéis é dar-se conta se durante as pausas da homilia há silêncio na igreja, ou noutra local que em que possam estar reunidos. Se não há silêncio, é porque provavelmente aquilo que a assembleia escuta ou escutou, não lhe interessou não foi entendido e acolhido como resposta fundamental para as suas inquietações.

⁸²J. ALDAZÁBAL, *El ministerio de la homilia*, 204.

⁸³ Cf. *Instrução Geral Missal Romano* 23, in *Missal Romano*, Gráfica de Coimbra, 1992, 26.

Capítulo III. PRÁTICA DA HOMILIA

Neste terceiro e último capítulo, centrar-nos-emos em questões intimamente ligadas com a prática do homileta. Este, para ser um bom e fiel transmissor da Palavra de Deus e para a poder dar melhor a conhecer, tem que ter alguns aspectos em consideração.

O cuidado que deve ter na preparação da homilia, a linguagem que utiliza e a preocupação de fazer dela a ponte entre a liturgia da Palavra e a liturgia Eucarística, são marcos que se revelam fundamentais para uma “boa” homilia, se é que assim a poderemos denominar, ou antes, como uma verdadeira obra de arte de espiritualidade litúrgica.

3. 1. Cuidado na preparação

A preparação da homilia deve procurar ser feita o mais cedo possível por aquele que terá a responsabilidade de a transmitir aos fiéis. No caso das missas dominicais, o homileta, no início da semana, já se deve debruçar sobre a sua elaboração.

Ela deve ser preparada com tempo, «não se pode ficar sob pressão do tempo, com pressa e com stress de produtor»⁸⁴. Para a sua boa elaboração o homileta necessita de tempo, para rezar e viver os textos sagrados, para que no silêncio e na oração dos mesmos lhe possam surgir boas intuições, e o Espírito Santo possa actuar, através da meditação que fará. Um tempo oportuno e favorável à reflexão deve ser seleccionado e cabe ao homileta encontrá-lo e verificar se lhe convém mais durante o dia ou então durante a noite.

⁸⁴ L. MALDONADO, *La homilía – predicación, liturgia, comunidad*, 161.

Luis Maldonado apresenta-nos cinco fases para a sua elaboração⁸⁵. Em primeiro lugar, temos a fase de ‘preparação’, que consiste «na busca de material que anda em torno dos textos bíblicos»⁸⁶. Nesta fase, é necessária uma grande abertura e não se deve ter o intuito de censurar nada que possa chegar até nós, pois pode acontecer de lermos qualquer documento que, à partida, não pareça ter qualquer tipo de relevância, mas que afinal, *a posteriori*, até verificámos que se trata de algo fulcral. No fundo, tudo o que nos chega é fruto da vida e das diferentes experiências partilhadas e vivenciadas. Logo, se a homilia procura “tocar” a vida concreta de cada um, apresentando respostas para a mesma, jamais se pode alhear de algo que diga respeito à vida.

A segunda fase é denominada por ‘incubação’. Esta realiza-se sobretudo «no inconsciente. Consiste numa reelaboração dos problemas e na busca de soluções, mas a nível inconsciente»⁸⁷. Trata-se aqui já de um nível profundo na configuração da homilia. Pode consistir numa fase de alguma frustração e podem surgir alguns bloqueios, contudo trata-se de uma fase bastante fecunda. Esses bloqueios, que podem surgir e que, como referido, provocam uma certa frustração, são considerados perfeitamente normais. Se isso acontecer, seria bom que o homileta fizesse algumas interrupções no seu trabalho e consultasse «a almofada, deixasse a coisa descansar durante uma ou mais noites»⁸⁸.

Já numa fase subsequente, a que o autor chama de ‘intuição’ ou ‘iluminação’, podemos dizer que se trata da saída da fase precedente. É denominado como «momento de “eureka”»⁸⁹. Aqui, todo o material da fase anterior, devido a uma transformação ou através da organização do conhecimento e de raciocínio lógico, leva-nos a um claro sentido. Aquilo que é tradição

⁸⁵ Segundo o parecer do autor, estas fases obedecem a critérios que a psicologia nos ensina relativamente ao ritmo do processo da criatividade.

⁸⁶ L. MALDONADO, *La homilía – predicación, liturgia, comunidad*, 162.

⁸⁷ *Ibidem*, 162.

⁸⁸ *Ibidem*, 163. Nesta fase é bom que o homileta deixe que o seu subconsciente trabalhe e para isso é necessário dar tempo ao tempo até que ao fundo do túnel uma luz possa eventualmente surgir.

⁸⁹ *Ibidem*.

bíblica, que foi trabalho de pesquisa no primeiro momento, entra em perfeita relação com a actualidade.

Numa quarta fase, dá-se a ‘verificação’. É a fase em que observamos se a «novidade que descobrimos é idónea de verdade em relação com os materiais prévios»⁹⁰. É a etapa de um certo controlo daquilo a que chegamos, que nos conduzirá à fase anterior se o resultado for negativo ou à fase seguinte se este for positivo.

Por último, surge a fase da ‘redacção’. Só aqui damos início à escrita da homilia. Ora, a homilia «é uma realidade complexa»⁹¹ e, sendo ela uma das actividades da pastoral que deve ser considerada central, e para não correremos o risco de nos esquecermos de elementos importantes a que chegámos, deve ser escrita. O imprevisto não é o melhor caminho a percorrer. No mínimo, um bom esquema, com aquilo que é essencial para a transmissão, deve ser escrito. Alcançará uma eficácia maior, «se a homilia for realmente fruto da meditação, bem preparada, nem prolongada em excesso nem curta de mais e ainda se nela forem tomados em conta todos os presentes, incluindo as crianças e as pessoas incultas»⁹².

Uma homilia, para um dia da semana, não deve ser motivo de descrédito ou de falta de preparação. A exigência deve ser a mesma, embora, aqui, a homilia seja mais curta e não necessite de tanto tempo de preparação. Contudo esta não deve ser descurada pelo homileta.

Todavia este trabalho pode não ser unicamente do homileta, pois pode englobar outras pessoas da comunidade que se disponibilizem e que pareçam ao homileta gente qualificada, e assim a preparação da homilia pode ser um trabalho de um grupo que se reúne para prestar um serviço em torno da Palavra de Deus a toda a comunidade.

Em suma, se o homileta «não toma a sério a homilia, os ouvintes costumam fazer o mesmo»⁹³. Daí a importância da sua preparação, a qual nunca deve ser menosprezada nem

⁹⁰ *Ibidem*, 164.

⁹¹ *Ibidem*.

⁹² H. ALVES, *Documentos da Igreja sobre a Bíblia*, Difusora Bíblica, Coimbra, 1991, 387.

⁹³ W. JETTER, «A preparação da homilia», in AA.VV., *A arte da homilia*, 101.

descurada, pois o homileta tem de ser o primeiro a viver e a sentir a mensagem que irá transmitir na homilia. As palavras não podem ser proferidas de cor, a “seco”, sem emoção, pois tem de acreditar plenamente naquilo que diz e revelar o desejo de também ele o concretizar na sua própria vida.

3.2. Conhecimento da assembleia

Tanto quanto for possível, para uma melhor interpretação e assimilação da homilia, o homileta deve ter a preocupação em conhecer bem a assembleia a quem se vai dirigir. Trata-se de uma questão fundamental para todo aquele que transmite uma mensagem a um determinado público conhecer o melhor possível aqueles a quem se dirige. Ora, este facto assume uma importância ainda maior se o que se pretende transmitir ultrapassa largamente um conhecimento técnico ou científico, sendo antes uma mensagem que pretende tocar o íntimo de cada um e conduzir a uma mudança de atitudes e a uma conversão de vida. Logo, conhecer bem a assembleia é meio caminho andado para a certeza de um bom acolhimento da homilia por parte da mesma.

Hoje, as nossas assembleias são bastante heterogéneas, principalmente nos meios urbanos. Aqui, e noutros casos, como em peregrinações, por exemplo, em que o homileta não conhece bem a assembleia a quem se vai dirigir, deve ter o cuidado em usar uma linguagem que seja perceptível por parte de todos os seus ouvintes. Isto implica um esforço e um exercício da sua parte que não estão isentos de algum trabalho e atenção especial.

Se o homileta já conhece bem a assembleia a quem se vai dirigir, este trabalho, não necessita de ser tão intenso, pois já sabe que tipo de linguagem ou vocabulário deve utilizar para que facilmente a assembleia entenda perfeitamente a mensagem que pretende transmitir.

3.3. Linguagem utilizada

A homilia «constitui um género literário dentro do mundo da fé, da vida eclesial e da atividade cristã. Ora, o género literário é constituído por uma linguagem, ou, se se preferir, é plasmado em linguagem particular»⁹⁴. Não sendo uma aula, a homilia apresenta-se como uma comunicação pessoal.

Aquele que escuta o homileta espera dele, em geral, uma linguagem culta mas acessível, «inteligível, bem expressada, coerente e com conteúdo»⁹⁵.

Para a elaboração de uma boa homilia, não é necessário utilizar uma linguagem muito erudita, pois pode acontecer de ela não ser entendida pela assembleia, anulando todo o seu sentido e toda a sua razão de ser. Ela deve ser antes perceptível e evitar, dentro do possível, a empregabilidade de termos filosóficos, morais, teológicos e até bíblicos que possam causar incompreensão.

Todavia, a posição proeminente que atrás se verificava na pessoa do sacerdote, hoje já não é tão evidente, daí que pode não «ser escutado, se não ganhar a pulso a atenção, e a sua palavra será uma palavra qualificada, só quando aparecer como tal aos olhos dos críticos daqueles que o obsequiam com a sua atenção»⁹⁶. Desta forma, a linguagem utilizada deve ser «convencional e o tom de voz de quem fala em público não tem de diferir do tom em privado, face a face, a não ser que o espaço imponha que se eleve um pouco mais. O orador deve ser capaz, sem necessidade de um esforço especial, de perceber a resposta que a sua mensagem obtém, e de *sentir essa espécie de “feed-back”* no seu próprio mundo afectivo»⁹⁷ e de corrigir sempre que necessário as suas palavras, particularmente, quando sente que elas não estão a ter

⁹⁴ L. MALDONADO, *A homilia – pregação, liturgia, comunidade*, 167.

⁹⁵ C. FLORISTAN, *Teologia Práctica – Teoria e Praxis da Acção Pastoral*, 559.

⁹⁶ R. COLL-VINENT, «A comunicação nas homilias», in AA. VV., *A arte da homilia*, 58-59.

⁹⁷ *Ibidem*, 59-60.

o eco que desejava, ou se se apercebe que a assembleia se mostra indiferente à sua comunicação.

Deve existir assim um justo equilíbrio na utilização da linguagem de forma que ela não se apresente tão despida, que pouco pode querer dizer, ou então que se mostre tão douta que se possa tornar incompreensível.

É de salientar que também a expressão, especialmente do rosto do homileta, pode ser fundamental para que haja concentração por parte dos fiéis, ou pelo contrário seja motivo de desconcentração, pois o rosto, o olhar ou a expressão facial do homileta também são elementos comunicativos, também eles falam.

No fundo, as palavras proferidas, o tom de voz, a expressão facial e corporal devem reflectir de forma consistente e coerente a mensagem que se quer transmitir, exprimir clara e inequivocamente a alegria anunciada a que se fez referência no segundo capítulo, assim como o amor e o entusiasmo sem fim pela missão do anúncio do Evangelho.

Caso se tenha de empregar um vocabulário novo, é necessário que se explique aquilo que foi dito, nem que se socorra de palavras sinónimas para uma mais fácil compreensão.

3.4. Recurso ao diálogo

Frequentemente estamos habituados a uma homilia que se realiza em forma de monólogo. Isto não impede que ela possa ser feita em forma de diálogo entre o homileta e a assembleia, particularmente quando a homilia estiver inserida numa celebração litúrgica mais voltada para as crianças. Já o *Directório das missas com crianças* de 1973, no seu número 48, apelava para que nas missas com crianças se desse uma especial atenção à homilia, de forma a

convertê-la num diálogo com elas, de modo a tornar-se mais atractiva, apelativa e interessante para as mesmas.

Este recurso ao diálogo pode ser bastante eficaz e rico quando a celebração da Eucaristia é celebrada em pequeno grupo, isto é, num grupo mais restrito. Aliás, «a homilia dialogada nasceu no seio das celebrações realizadas por grupos reduzidos, em cujo ambiente se foram buscar todas as formas possíveis que deram um tom de fraternal convivência»⁹⁸, como é o caso, por exemplo, de jovens que estão a fazer alguma experiência vocacional e que estão a reflectir sobre a sua vocação. O diálogo ajuda a manter a concentração, facilita a comunicação e a explicação, podendo criar um ambiente mais intimista, de maior proximidade, onde cada um se sente chamado a partilhar. Contudo, convém que não se exagere nas intervenções, correndo o risco de se obter uma descentralização daquilo que realmente é importante.

3.5. Tempo disponibilizado para a transmissão

Não existe nenhum tempo obrigatório determinado para a concretização da homilia. De forma alguma a homilia tem que ser taxativa: há homiletas que cansam a assembleia num primeiro minuto, ao passo que outros conseguem manter a assembleia atenta por uns bons quinze minutos. Mas mesmo assim é preciso lembrar que a homilia é parte de um todo e que é fundamental dar o tempo necessário para a liturgia da Palavra e a liturgia Eucarística, o que exige tempo para os cânticos e momentos de silêncio, entre outros. No que concerne ao tempo ideal relativamente a esta matéria as opiniões divergem. Sete minutos é considerado o melhor

⁹⁸ J. URDEIX, «A propósito das homilias dialogadas», in AA. VV., *A arte da homilia*, 88.

tempo, «sendo breve (uns sete minutos parece-me a medida ideal)»⁹⁹. Pelo menos, nunca deveria ultrapassar os doze ou, no máximo, quinze minutos.

É imprescindível que durante este tempo se olhe para todo o auditório e não somente para os que estão na primeira fila, ou para os que estão apenas de um lado, ou até somente para aqueles que estão sem olhar, pois, como já foi referido, o olhar do homileta é um dos elementos que garante a boa comunicação entre este e a assembleia.

Uma maneira de comprovar a atenção dos fiéis é dar-se conta se durante as pausas da pregação há silêncio na Igreja, ou noutra local em que possam estar reunidos. Se não há silêncio, é porque provavelmente aquilo que a assembleia escuta, não lhe interessa.

3.6. Ensino apropriado nos Seminários

Durante muito tempo a homilética fez parte da formação daqueles que futuramente seriam sacerdotes da Igreja Católica.

Alguns membros da Igreja, nomeadamente a Comissão Episcopal dos Estados Unidos da América para a formação sacerdotal, têm advertido para o facto de que a formação dos novos sacerdotes relativamente a esta matéria se pode considerar quase deficitária. Urge, a necessidade de um estudo mais profundo relativo a este assunto.

A homilética tem assim como finalidade «preparar os futuros sacerdotes para que puguem, ou seja, para que exerçam publicamente e em nome da Igreja aquela forma de comunicação oral que dá origem e alimenta a experiência de fé em Jesus Cristo. Uma proclamação que encontra a sua mais alta expressão na homilia da Eucaristia»¹⁰⁰.

Desta forma:

⁹⁹ L. MALDONADO, «Dodecálogo do pregador», in AA. VV., *A arte da homilia*, 78.

¹⁰⁰ EPISCOPADO DOS EUA, «O ensino da homilia nos seminários», in AA. VV., *A arte da homilia*, 105-106.

«O curriculum deve assegurar também que cada um dos futuros sacerdotes adquira uma competência profissional naquelas áreas de comunicação que fazem parte da expressão pública da palavra falada. Há que cuidar do desenvolvimento do instrumento total que é a própria pessoa do comunicador: o corpo, a voz, o coração e a mente; já que comunicação requer sempre que se empenhe activamente toda a pessoa no próprio momento da comunicação»¹⁰¹.

Teremos, ainda assim, um longo caminho a percorrer, para se proporcionar uma melhor formação daqueles que irão ter como principal função a comunicação, sobretudo a comunicação da mensagem de amor e de vida de Jesus Cristo.

3.7. Uso dos órgãos de comunicação social

«A Igreja Católica, uma vez que foi instituída por Cristo Senhor para levar a salvação a todos os homens e por isso se sente compelida pela necessidade de evangelizar, considera que faz parte da sua missão anunciar a salvação também através dos meios de comunicação social e ensinar os homens a respeito da sua recta utilização»¹⁰². É importantíssima uma boa relação da Igreja com os meios ou órgãos de comunicação social¹⁰³.

São vários os cristãos que, por impossibilidades físicas ou outras, dominicalmente não podem participar na Eucaristia nas suas paróquias, mas que o fazem através dos canais televisivos, rádio e internet. «A ideia de superfície é que a Igreja anda atrasada em matéria de comunicação social. É mentira. Ela anda na frente em matéria de imprensa, rádio, televisão e

¹⁰¹ *Ibidem*, 106.

¹⁰² *Inter Mirifica* 3.

¹⁰³ Cf. C. BONAFoux-VERRAX, «Le Père Lhande (1877-1957): pionnier de la prédication radiophonique», *Revue des sciences religieuses* 78 (2004) 401-416. A. FAUCHER, «La communication interactive dans le cadre de l'homélie: possibilités et limites», in G. ROUTHIER, *Faire écho au verbe. Réinvestir dans l'homélie*, Médiaspaul, Montréal, 1999, 115-145.

novos media (...) basta reparar nos *sites* católicos, na radionet, tvnet, agências (...)»¹⁰⁴. Para os seus utilizadores, esta possibilidade é muito importantíssima, pois permite-lhes igualmente escutar a Palavra de Deus, bem como a homilia feita pelo presidente da celebração, o que é fulcral para a vivência de fé deste conjunto de população. Também artigos em jornais, revistas e livros são importantíssimos para a difusão e formação dos membros da Igreja.

Felizmente, os órgãos de comunicação social não transmitem unicamente a Eucaristia dominical, mas também outros tipos de orações diárias. Da mesma forma, procura-se dar por vezes lugar a debates de cariz religioso, importantes para a formação e edificação dos fiéis e outros.

O Concílio Vaticano II levou ao deslumbramento, ao afirmar «que os media são “maravilhas” de Deus e ajudam “à comunhão e progresso”»¹⁰⁵.

Contudo, «continuo convencido que nunca como hoje as questões religiosas tiveram tanta audiência nos media nem tão boa qualidade, pese embora a Igreja Católica, por exemplo, (...) tardando no diálogo fecundo, nesse terreno, entre a fé e a cultura»¹⁰⁶.

Importa ressaltar que «o trabalho sobre a temática religiosa não difere em nada das restantes áreas do jornalismo, ou seja, tem mais qualidade quanto mais objectivo e rigoroso for. Naturalmente, também como nas restantes áreas, os temas da Igreja exigem trabalho de casa. Têm muita linguagem específica»¹⁰⁷.

¹⁰⁴ A. REGO, «Uma vida a comunicar», in *Agência Ecclesia* (2008) 79.

¹⁰⁵ R. OSÓRIO, «Actualidade religiosa é uma questão cultural», in *Agência Ecclesia* (2008) 73.

¹⁰⁶ *Ibidem*, 73.

¹⁰⁷ S. CUNHA, «Um púlpito com ecrã», in *Agência Ecclesia* (2008) 74.

3.8. Ponte entre liturgia da Palavra e Liturgia Eucarística

Na fase final de cada homilia, o homileta deve ter a preocupação em fazer a devida transição da liturgia da Palavra para a liturgia Eucarística. Esta transição permitirá aos fiéis que toda a celebração se trata de um único acontecimento, de um todo que não se divide em diferentes partes, com intervalo ao meio. Os diferentes momentos não são estanques, mas antes intrínseca e profundamente ligados, pois o Deus que fala, Se revela e Se dá na Palavra é o mesmo que Se oferece no banquete eucarístico ou, dito de outro modo, Jesus Cristo é a Palavra Encarnada, mas torna-Se também presente e vivo nas espécies do pão e do vinho, consagradas no Seu Corpo e no Seu Sangue. Assim, as «duas partes de que se compõe, de certo modo, a Missa, a saber, a liturgia da Palavra e a liturgia eucarística, estão tão intimamente unidas entre si que constituem um só acto de culto»¹⁰⁸. É fundamental que a homilia faça sentir e perceber a todos os fiéis esta união entre a mesa da Palavra escutada / saboreada e a mesa da Eucaristia comungada / saboreada.

¹⁰⁸ SC 56.

Apêndice: Análise de três homilias do tempo pascal

Em apêndice pretendemos fazer uma análise de três homilias. Para esse efeito seleccionamos três, todas do tempo pascal e de autores distintos, sendo a primeira de um papa, a segunda de um bispo e a terceira de um presbítero.

Homilia 1¹⁰⁹

Vigília de Páscoa

No seu discurso de despedida, Jesus anunciou aos discípulos sua morte e ressurreição iminentes, com uma frase misteriosa: «Vou partir, mas voltarei para junto de vós» (*Jo* 14, 28). Morrer é partir. Embora fique ainda o corpo do morto – este pessoalmente partiu para o desconhecido e não podemos segui-lo (cf. *Jo* 13, 36). Mas, no caso de Jesus, há uma novidade única que muda o mundo. Na nossa morte, a partida é uma realidade definitiva, não há regresso. Pelo contrário, Jesus, falando da sua morte, diz: «Vou partir, mas voltarei para junto de vós». É precisamente partindo que Ele vem.

A sua partida inaugura um modo totalmente novo e maior da sua presença. Com a sua morte, Jesus entra no amor do Pai. A sua morte é um acto de amor. O amor, porém é imortal. Por isso, a sua partida transforma-se numa nova vinda, numa forma de presença mais profunda, que não acaba mais.

Na sua vida terrena, Jesus, como todos nós, estava ligado às condições externas da existência corpórea: a um certo lugar e a um determinado tempo. A corporeidade coloca limites à nossa existência. Não podemos estar contemporaneamente em dois lugares

¹⁰⁹ BENTO XVI, *Homilias*, Editorial Franciscana, Maia 2009, 85-91.

diferentes. O nosso tempo tende a acabar. E entre o “eu” e o “tu” existe o muro da alteridade. Certamente, no amor, podemos de algum modo entrar na existência do outro. Mas permanece a barreira intransponível de sermos diversos. Pelo contrário, Jesus, que agora fica totalmente transformado por meio do acto de amor, está livre de tais barreiras e limites. É capaz não só de passar através das portas externas fechadas, como narram os Evangelhos (cf. *Jo* 20, 19), mas pode também passar através da porta interna entre o “eu” e o “tu”, a porta fechada entre o ontem e o hoje, entre o passado e o amanhã.

No dia da sua entrada triunfal em Jerusalém, quando um grupo de Gregos veio pedir para O ver, Jesus respondeu com a parábola do grão de trigo que, para dar muito fruto, deve passar através da morte. Predissera assim o seu próprio destino: ele não queria simplesmente falar então com este ou aquele Grego durante alguns minutos. Através da sua cruz, mediante a sua partida, por meio da sua morte como o grão de trigo chegaria verdadeiramente até junto dos Gregos, de tal modo que estes pudessem vê-Lo e tocá-Lo na fé.

A sua partida torna-se uma vinda no modo universal da presença do Ressuscitado, no qual Ele está presente ontem. Hoje e para sempre; em que abraça todos os tempos e lugares. Agora pode ultrapassar também o muro da alteridade que separa o “eu” do “tu”. Assim aconteceu com Paulo, que descreve o processo da sua conversão e do seu Baptismo com estas palavras: «Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim» (*Gal* 2, 20). Por meio da vinda do Ressuscitado, Paulo obteve uma identidade nova. O seu “eu” fechado abriu-se. Agora vive em comunhão com Jesus Cristo, no grande “eu” fechado abriu-se. Agora vive em comunhão com Jesus Cristo, no grande “eu” dos crentes que se tornaram – segundo definição dele - «um em Cristo» (*Gal* 3, 28).

Queridos amigos, deste modo resulta evidente que as palavras misteriosas de Jesus, no Cenáculo, agora – por meio do Baptismo – se tornem de novo presentes para vós. No Baptismo, o Senhor entra na vossa vida pela porta do vosso coração. Já não estamos um ao

lado do outro ou um contra o outro. Ele atravessa todas estas portas. A realidade o Baptismo consiste nisto: Ele, o Ressuscitado, vem; vem até vós e une a sua vida com a vossa, conservando-vos dentro do fogo vivo do seu amor.

Passais a ser uma unidade: sim, um só com Ele e, deste modo, um só entre vós. Num primeiro momento, isto pode parecer bastante teórico e pouco realista. Mas quanto mais viverdes a vida de baptizados, tanto mais podereis experimentar a verdade desta palavra. As pessoas baptizadas e crentes nunca são verdadeiramente estranhas uma à outra. Podem separar-nos continentes, culturas, estruturas sociais ou mesmo distâncias históricas. Mas, quando nos encontramos, reconhecemo-nos com base no mesmo Senhor, na mesma fé, na mesma esperança e no mesmo amor, que nos formam. Então experimentamos que o fundamento das nossas vidas é o mesmo. Experimentamos que, no mais fundo do nosso íntimo, estamos ancorados à mesma identidade mais profunda: Cristo em nós. Deste modo, a fé é uma força de paz e reconciliação no mundo: fica superada a distância, no Senhor tornamo-nos próximos (cf. *Ef 2, 13*).

Esta natureza íntima do Baptismo como dom de uma nova identidade é representada pela Igreja através de elementos sensíveis. O elemento fundamental do Baptismo é a água; ao lado desta e em segundo lugar, temos a luz, que, na liturgia da Vigília Pascal, sobressai com grande vigor. Lancemos apenas um olhar sobre estes dois elementos.

No capítulo conclusivo da *Carta aos Hebreus*, encontra-se uma afirmação sobre Cristo, na qual não aparece directamente a água, mas, vista na sua ligação com o Antigo Testamento, deixa transparecer o mistério da água e o seu significado simbólico. Diz o texto: «O Deus da paz fez voltar dos mortos o Pastor grande das ovelhas, em virtude do sangue de uma aliança eterna» (cf. 13-20). Ecoa, nesta frase, um trecho do *Livro de Isaías*, onde Moisés é designado como o pastor que o Senhor fez sair da água, do mar (cf. 63, 11). Jesus aparece como o novo e definitivo Pastor que leva a cumprimento o que Moisés tinha feito: ele conduz-nos fora das

águas mortíferas do mar, fora das águas da morte. Neste contexto, convém recordar que Moisés tinha sido colocado pela mãe num cesto e deposto no Nilo. Depois, pela providência de Deus, fora tirado para fora da água, trazido da morte à vida, e assim – salvo ele próprio das águas da morte – podia conduzir aos outros fazendo-os passar através do mar da morte. Por nós, Jesus desceu às águas obscuras da morte. Mas, em virtude do seu sangue – diz-nos a *Carta aos Hebreus* – foi feito voltar da morte: o seu amor uniu-se ao do Pai e, assim, da profundidade da morte Ele pôde subir para a vida. Agora eleva-nos a nós da morte para a vida verdadeira.

Sim, isto mesmo acontece no Baptismo: Jesus levanta-nos para Ele, atrai-nos para dentro da verdadeira vida. Conduz-nos através do mar frequentemente tão obscuro da história, em cujas confusões e perigos não é raro sentirmo-nos ameaçados de afundar. No Baptismo como que nos toma pela mão, conduz-nos pelo caminho que passa através do Mar Vermelho deste tempo e introduz-nos na vida duradoura, na vida verdadeira e justa. Agarremos bem a sua mão! Suceda o que suceder, não larguemos a sua mão! Caminharemos então pela via que conduz à vida.

Em segundo lugar, temos o símbolo da luz e do fogo. Gregório de Tours refere o costume, que em diversos lugares se conservou durante muito tempo, de tomar o fogo novo, para a celebração da vigília Pascal, directamente do sol por meio de um cristal: luz e fogo recebiam-se novamente, por assim dizer, do céu para depois, a partir deles, se acenderem todas as luzes e fogos do ano.

Isto é um símbolo do que celebramos na Vigília Pascal. Com a radicalidade do seu amor, no qual se tocaram o coração de Deus e o coração do homem, Jesus tomou verdadeiramente a luz do céu e trouxe-a à terra – a luz da verdade e o fogo do amor que transformam o ser do homem. Ele trouxe a luz, e agora sabemos quem e como é Deus. De igual modo sabemos também como estão as coisas a respeito do homem: o que somos nós e para que fim existimos.

Ser batizados significa que o fogo desta luz desce ao nosso íntimo. Por isso, na Igreja Antiga, o Batismo era chamado também o Sacramento da Iluminação: a luz de Deus entra em nós; assim nos tornamos nós próprios filhos da luz. Não deixemos que se apague esta luz da verdade que nos aponta o caminho. Protejamo-la contra todas as forças que pretendem extingui-la, para nos lançar novamente na escuridão de Deus e de nós mesmos. De vez em quando a escuridão pode-nos parecer cómoda. Posso esconder-me e passar a minha vida dormindo. Nós, porém, não somos chamados a viver nas trevas, mas na luz.

Nas promessas baptismas, por assim dizer, acendemos novamente, ano após ano, esta luz: sim, creio que o mundo e a minha vida não provêm do acaso, mas da Razão eterna e do Amor eterno, são criados por Deus onipotente. Sim, creio que o Espírito Santo nos dá a Palavra da verdade e ilumina o nosso coração; creio que, na comunhão da Igreja, nos tornamos todos um só Corpo com o Senhor e, deste modo, vamos ao encontro da ressurreição e da vida eterna. O Senhor deu-nos a luz da verdade. Esta luz é ao mesmo tempo também fogo, força que nos vem de Deus: uma força que não destrói, mas quer transformar os nossos corações, para nos tornarmos verdadeiramente homens de Deus e para que a sua paz se torne operativa neste mundo.

Na Igreja Antiga, havia o costume de o Bispo ou o sacerdote, após a homilia, exortar os crentes exclamando: “*Conversi ad Dominum* – agora voltai-vos para o Senhor”. Isto significava, antes de mais, que eles se viravam para o Oriente – na direcção donde nasce o sol como sinal de Cristo que volta, saindo ao seu encontro na celebração da Eucaristia. Nos lugares onde isso, por qualquer razão, não era possível fazer-se, os crentes voltavam-se para a imagem de Cristo na abside ou para a cruz, a fim de se orientarem interiormente para o Senhor. Com efeito, em última análise era deste facto interior que se tratava: da *conversio*, de voltar a nossa alma para Jesus Cristo e, n’Ele, para o Deus vivo, para a luz verdadeira.

Com isto estava ligada também a outra exclamação, que ainda hoje é dirigida à comunidade cristã, antes do Cântico: “*Sursum corda*” – corações ao alto”, fora de todos os enredos das nossas preocupações, dos nossos desejos, das nossas angústias, do nosso alheamento – ao alto, os vossos corações, o vosso íntimo! Nas duas exclamações, somos de algum modo exortados a uma renovação do nosso Baptismo: *Conversi ad Dominum* – sempre de novo nos devemos afastar das direcções erradas, em que tão frequentemente nos movemos com o nosso pensar e agir. Sempre de novo nos devemos voltar para Ele, que é o Caminho, a Verdade e a Vida. Sempre de novo nos devemos tornar “convertidos”, com toda a vida voltada para o Senhor. E sempre de novo devemos deixar que o nosso coração seja subtraído à força da gravidade, que o puxa para baixo, e levantá-lo interiormente para o alto: para a verdade e o amor.

Nesta hora, agradeçamos ao Senhor, porque Ele, com a força da sua palavra e dos sacramentos sagrados, nos orienta na justa direcção e atrai para o alto o nosso coração. E rezemos-Lhe deste modo: sim, Senhor, fazei que nos tornemos pessoas pascais, homens e mulheres da luz, repletos do fogo do teu amor. Amém.

Análise

A primeira homilia em análise é da autoria do papa Bento XVI, proferida no dia 22 de Março de 2008. Esta surge no contexto da vigília pascal celebrada nesse mesmo dia pelo Santo Padre na Basílica de S. Pedro em Roma. Na vigília celebraram-se também alguns baptismos de catecúmenos.

As leituras bíblicas correspondiam ao Ano A, sendo as seguintes: 1ª leitura (Ex 14, 15-3); 2ª leitura (Rom 6, 3-11) e Evangelho (Mt 28, 1-10).

Um aspeto a ressaltar nesta homilia é o de nela figurarem as indicações bíblicas de algumas leituras que foram proclamadas nesta vigília pascal e que levam a pressupor que irão

ser desenvolvidas ao longo desta homilia. Mas tal facto, surpreendentemente, não acontece. Pelo contrário, outras citações bíblicas são introduzidas como fios condutores de uma longa exposição catequética, contornando assim a temática e fazendo-a percorrer um caminho diferente daquele esperado. Contudo, existe uma referência clara ao trecho de Ex 4, 15-31. É notório o vasto conhecimento da Escritura Sagrada que conduz toda esta exposição doutrinal.

Naturalmente que o Santo Padre tinha diante de si um público diverso, proveniente das mais diversas nacionalidades, contudo nota-se um grande cuidado na preparação da homilia, tendo bem presente este facto. A linguagem que o Papa utiliza é bastante acessível, facilmente compreendida por todos, desde que entendam com alguma facilidade a língua italiana. Verifica-se uma grande preocupação no seu discurso de ir 'beber' à Palavra pelo forte recurso da mesma para dela falar. Nota-se ainda e também pelo seu discurso, em determinadas fases, o seu desejo de conversão e de se querer configurar com Cristo, o que é bastante apelativo para o mais comum dos fiéis.

A homilia tem uma durabilidade de aproximadamente 13 minutos. O ideal seria que fosse um pouco mais breve. Seria evitável a descrição e a explicação de alguns símbolos próprios do Baptismo. Mas compreende-se pela sua orientação mistagógica. Há coisas que devem ser ditas não dentro de um contexto de uma homilia, mas numa outra situação mais adequada. Também seria importante que ao terminar a homilia, Bento XVI fizesse notar-se uma 'ponte' entre aquilo que é a liturgia da Palavra e liturgia eucarística.

Homilia 2¹¹⁰

“A longa vigília da Humanidade”

1. Nesta noite de expectativa e de esperança, toda a Igreja se reúne em vigília de oração. Longa vigília, é a mais longa celebração litúrgica da Igreja. Embora a Liturgia desta noite siga o ritmo da História da Salvação, desde a criação do mundo até à Ressurreição de Cristo, espiritualmente o verdadeiro ponto de partida é o anúncio da ressurreição: Ele está vivo e irá à vossa frente. O Ele estar vivo é uma certeza consoladora para aqueles que O amam; a afirmação de que Ele irá à nossa frente é o anúncio de uma longa caminhada, até que essa vida vença todas as manifestações do pecado e de morte e se instaure a harmonia do Reino de Deus. É certo, afirma-nos Paulo, que o nosso velho homem pecador foi crucificado na Cruz de Cristo, quando no Baptismo mergulhamos toda a nossa vida no Sangue de Cristo, vencendo a nossa morte na sua morte, fruindo com Ele a alegria da vida reencontrada. Mas quanto caminho a percorrer, quantas lutas a travar, quantas feridas a sarar, para que a harmonia da vida definitiva seja construída em Cristo. É a longa vigília da Igreja até ao encontro definitivo com o Senhor, na casa do Pai. Mas nós sabemos que ela é também a longa vigília da humanidade, na busca da paz, da harmonia, da justiça e do amor.

Estamos aqui reunidos com os olhos postos na cidade de Deus, a Jerusalém Celeste; mas sentimo-nos unidos e solidários com todos os homens, nossos irmãos, também eles nesta longa expectativa da harmonia e da paz. Nós queremos ser fiéis à semente de vida que o Baptismo semeou em nós e assim sermos fermento de um mundo novo. Oh!, como nós desejaríamos que a luz que hoje erguemos iluminasse no nosso mundo todas as trevas do ódio, da tristeza, da miséria, da morte injusta e sem motivo; e que esta água que nos purificou a nós pudesse ser derramada sobre todos os males e impurezas do coração humano. É que nós

¹¹⁰ POLICARPO, D. José da Cruz, *A Palavra Celebrada – Homilias, col. Obras Escolhidas*, vol.4, Universidade Católica Editora, Lisboa 2003, 265-268.

sabemos que Cristo morreu para nos purificar do pecado e ressuscitou para nos introduzir na alegria da Vida.

2. Mas esta vigília evoca, também, a longa vigília de Deus, no seu esforço de amor por conduzir a criação à harmonia por Ele desejada. Deus criou o homem para com Ele partilhar a plenitude de vida. Essa foi a verdade inicial da criação. Ao sétimo dia Deus descansou, porque todas as coisas criadas exprimiam a sua bondade, inseriam-se na harmonia da sua plenitude e da sua Glória. Este repouso de Deus acerca da criação é a expressão da paz e do amor e da harmonia da sua glória. A criação inteira era expressão dessa glória. Este repouso de Deus exprime a harmonia e a paz da criação.

Mas bem depressa essa tranquilidade do repouso foi perturbada pelo homem, ele o objectivo último de todo o desígnio criador de Deus, e que, por vontade do Criador, encerra no segredo da sua liberdade a harmonia e o destino do universo. O orgulho contrapôs o homem ao seu criador, e a violência surgiu como solução dos diferendos humanos: Caim matou Abel. E aí começou a longa vigília de Deus, que atingirá um ponto decisivo na vigília de Cristo no Jardim das Oliveiras, e que continua, agora na nossa história, espaço da acção do Espírito, até que Cristo entregue ao Pai a nova criação e Deus, tudo em todos, volte a repousar e a poder exclamar, contemplando os eleitos: é tudo muito bom.

Nessa longa vigília, Deus volta a retomar o trabalho dos seis dias de criação. Jesus confessa que o Pai trabalha sempre e que Ele também trabalha (cf. Jo 5,17). É o tempo do amor misericordioso, é o tempo do sofrimento de amor. Se há alguns, de que Abraão é o protótipo, que obedecem na fé e descobrem na fidelidade à Aliança com Deus a única garantia de um mundo novo, outros persistem na rebeldia do pecado, não percebendo que, como lhes diz Baruc, se tivessem seguido o caminho de Deus, teriam conquistado a paz para sempre. Para Deus, esta redenção, isto é, este refazer de uma nova criação, parece mais trabalhosa que

a primeira criação. Mas a nada se poupou Deus para que a criação reconquistasse a harmonia da paz: libertou o seu povo do Egito, fez de seu guia e timoneiro, indo à sua frente na nuvem que arredou as águas do mar para que atravessassem sem perigo, fez brotar água dos rochedos e cair pão do Céu. A todos envolve na ternura do seu amor, pois o amor é sempre a última esperança de quem procura ajudar os outros. E como se tudo isso não bastasse, enviou-nos o seu Filho, feito Homem para inaugurar definitivamente a nova criação. Assumindo como seus os pecados que não cometera, sepultou-os na sua morte, vencendo aí o orgulho e a violência do início e lançando a pedra angular de um novo edifício, humanidade nova com a possibilidade de construir a harmonia e viver na comunhão de amor. Foi uma longa luta de Deus para salvar a humanidade que criara.

3. As horas que Jesus passa no túmulo, as horas do silêncio de Deus, são as mais densas desta longa vigília. As santas mulheres vão ao túmulo para perfumarem o Corpo do Senhor. Não se lembraram que, havia dias, uma mulher anónima, talvez uma delas, tinham perfumado o Corpo do Senhor, derramando sobre a sua cabeça um frasco de nardo e que, nesse momento, o Senhor a defendera dizendo que ela preparava o seu corpo para a morte. A morte perfumada! Ela só pode significar o triunfo da vida, pois enquanto durar a morte, permanece a dor e o desânimo e o mau odor do nosso drama. Elas querem perfumar o Corpo do Senhor, e Ele, com a sua ressurreição, tinha perfumado o mundo, derramando nos nossos corações a unção do Espírito, dando um sentido novo a esta longa expectativa da salvação.

Nós sabemos que a longa vigília continua e que ela vai prolongar-se até ao dia em que o Senhor voltar. Ela é vigília da Igreja e vigília da humanidade. Mas ela é agora marcada pela certeza da esperança, porque o Senhor venceu o pecado e a morte, e é as primícias da nova criação. Mesmo o mal, a violência, a morte, todas as expressões do pecado, são agora repassados pela esperança da vitória. O Espírito Santo é agora o garante de que a profecia de

Isaías se realizará: o amor de Deus, o amor com a ternura de um esposo criador, nunca nos abandonará.

Participam nesta longa vigília da humanidade todos os construtores de paz. A violência da guerra sentida nas últimas semanas mostra como todos esses que lutam pela paz não podem ainda descansar e tornou claro que toda a guerra, toda a violência, são manifestações de uma criação ainda marcada pelo orgulho do homem.

Estão em vigília todos os que lutam pela justiça. A reposição da justiça é a primeira concretização do mundo novo. Por isso Jesus proclamou que são bem-aventurados quantos lutam pela justiça e deles é o Reino dos Céus.

Estão em vigília todos os construtores do diálogo e da unidade, entre os cristãos, entre as religiões, entre as culturas, entre os povos. Uma humanidade em diálogo construirá a comunhão e fará de todos os homens uma única família.

Estamos em vigília. Nós, aqui reunidos nesta Sé Catedral, que acreditamos que o Espírito de Cristo ressuscitado é o grande construtor da história e que, deixando-o trabalhar no íntimo do nosso coração, estamos a permitir que cresça esse mundo novo, que já podemos oferecer a Deus na Eucaristia que vamos celebrar; que ela seja um momento do repouso de Deus.

Análise

A segunda homilia em análise é da autoria do cardeal-patriarca de Lisboa, D. José Policarpo. A sua homilia também surge no contexto de uma celebração de vigília pascal.

As leituras bíblicas deste dia correspondem ao Ano B e são as seguintes: (Gn 1, 1-2,2); (Gn 22, 1-2; 9ª 10-13, 15-18); (Ex 14, 15-15,1); (Is 54, 5-14); (Is 55, 1-11); (Br 3,9-15, 32-4,4); (Ez 36,16-17ª 18-28); (Rm 6, 3-11); Salmo 117 (118); (Mc 16, 1-7).

De uma forma muito harmoniosa e com um certo toque de lirismo, nesta homilia, proferida na Vigília Pascal, todas as leituras bíblicas que compõem a grande liturgia desta noite são citadas, numa sequência perfeita que sugere a longa vigília da Humanidade. Esta homilia é, por isso, uma preciosa reflexão sobre os textos bíblicos propostos para esta celebração pascal que ressalta a acção de Deus ao longo da história da salvação e que continua ainda nos nossos dias, como é referido nos aspetos concretos da actual situação histórica, na sua parte final.

Ao longo do texto são patentes outras alusões da Sagrada Escritura, nomeadamente uma citação explícita de (Jo 5, 17) e outras de uma forma menos explícita mas que embelezam todo este conjunto, iluminando como um farol, o caminho da longa travessia da Humanidade.

D. José Policarpo tinha diante de si um público bastante heterogéneo, como são os seus diocesanos, gente das mais variadas classes sociais. A linguagem por si utilizada, parece-nos que não é totalmente perceptível para todos os fiéis. Vê-se que é uma homilia bem elaborada, onde embora não seja com tanta evidência, é clara alguma preocupação no recurso à Sagrada Escritura. A sua homilia tem uma duração de aproximadamente 10 minutos, o que é bastante bom.

Homilia 3¹¹¹

1. Celebramos hoje a festa da Ascensão do Senhor,

em cumprimento da promessa feita no *Salmo* 110

- «Disse o Senhor ao meu Senhor: ‘Senta-te à minha direita’» (v.1) -,

como reconhece S. Paulo na *Epístola aos Efésios* (cf. Ef 1, 20).

S. Lucas é o único evangelista a narrar este ‘acontecimento da fé’,

no início do livro dos *Actos* (Act 1,1-11) e na conclusão do seu *Evangelho* (Lc 24,46-53).

Trata-se de uma grande inclusão lucana, que sintetiza tudo o que escreveu à luz da Ascensão.

Ao contrário dos outros evangelistas,

que incluem este *mistério* no próprio evento da ressurreição do Senhor,

S. Lucas prefere fazer dele um novo *raconto* da ressurreição,

à semelhança das aparições de Jesus às mulheres e aos discípulos.

De facto, Jesus após a ressurreição aparece-lhes sucessivas vezes,

a fim de os preparar para a ocultação definitiva da sua presença física,

e de os habituar a reconhecê-Lo espiritualmente presente na Igreja,

através de muitos sinais, interpretados à luz da fé.

2. No seu primeiro livro dedicado ao amigo Teófilo,

S. Lucas narra todas as coisas que Jesus *fez e ensinou*,

inclusive as *instruções* que deu aos seus discípulos

durante o tempo em que lhes apareceu entre a Paixão e a Ascensão.

De notar que se trata de uma preparação de quarenta dias,

o mesmo tempo com que Jesus, retirado no deserto, se preparou para a Paixão.

¹¹¹ Homilia por nós requisitada ao cón. Joaquim Félix, nosso educador no Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo de Braga.

O simbolismo desta quarentena diz-nos que não foi fácil este *ocultamento aos olhos*: nem para os discípulos que, como evidencia S. Lucas, para chegar à fé na ressurreição, tiveram de contar com «*muitas provas*»; nem para Jesus que, não obstante o gozo de ser glorificado definitivamente, se esforçou por garantir uma «*alegria completa*» aos seus discípulos ainda no mundo.

3. Na Ascensão, o Senhor constitui-nos suas testemunhas;

testemunhas de tudo aquilo que estava escrito a respeito do Messias

e se cumpriu definitivamente no mistério pascal de Cristo:

não apenas do seu sofrimento e da sua ressurreição ao terceiro dia,

mas também na *pregação, em seu nome, do arrependimento e do perdão dos pecados a todas as nações, a começar por Jerusalém.*

Na verdade, não podemos testemunhar a Páscoa do Senhor,

sem pregarmos a páscoa de todos os povos: a passagem do pecado à vida nova em Cristo.

4. «*Como poderá ser isso?*», perguntaremos nós como os discípulos ou Maria,

a flor mais resplandecente e perfumada do mês de Maio.

Para que tudo isto possa acontecer, primeiro é preciso acreditar mesmo sem ver.

Porque àqueles que vivem desta bem-aventurança, o Senhor lhes assegura:

«*Recebereis a força do Espírito Santo, que descera sobre vós*» (Act 1,8).

É esta a grande bênção do Senhor, que fecunda a nossa fé e transfigura a nossa vida.

É esta a força que S. Paulo pede para os Efésios, numa linguagem poderosa e sublime:

«*O Deus de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória,*

vos conceda um espírito de sabedoria e de luz para O conhecerdes plenamente

e ilumine os olhos do vosso coração, para compreenderdes a esperança a que fostes chamados,

os tesouros de glória da sua herança entre os Santos

e a incomensurável grandeza do seu poder para nós os crentes».

Quem de nós não sente falta do espírito de sabedoria e da sua iluminação,

que ‘dissipa’ a *nuvem* que esconde Jesus aos olhos do nosso rosto?

E quem de nós não gostaria de ser curado da cegueira do coração,

para compreender a esperança com que devemos viver o futuro?

Só quem iluminar os olhos do coração na sua Ascensão poderá, pela fé,

herdar desde já os *tesouros da glória* divina e experimentar o poder *incomensurável* de Jesus.

Pois também em nós se pode mostrar «*a eficácia da poderosa força que (Deus) exerceu em Cristo, que Ele ressuscitou dos mortos e colocou à sua direita nos Céus*».

Que o Senhor ilumine, quanto antes, os olhos do nosso coração na luz do seu Espírito.

5. Seria importante que reconhecêssemos que o Espírito nos habilita a correr o mundo com os sinais do Evangelho na vida:

no amor que permanece, no coração arrependido e nos lábios purificados.

Como sucedeu outrora, Ele nos traça inclusive os mapas da missão:

de Jerusalém, cidade de todas as partidas da fé, «*até aos confins da terra*».

E hoje dá-nos meios de comunicação social sofisticadíssimos,

que, sobretudo, os jovens deste «*mundo digital*» devem explorar para difundir a boa nova.

6. Neste *Dia Mundial dos Meios de Comunicação Social*, o Papa recorda aos presbíteros:

«Aos presbíteros é pedida a capacidade de estarem presentes no mundo digital em constante fidelidade à mensagem evangélica,

*para desempenharem o próprio papel de animadores de comunidades,
que hoje se exprimem cada vez mais frequentemente através das muitas «vozes»
que surgem do mundo digital,
e anunciar o Evangelho recorrendo não só aos media tradicionais,
mas também ao contributo da nova geração de audiovisuais
(fotografia, vídeo, animações, blogues, páginas internet)
que representam ocasiões inéditas de diálogo
e meios úteis inclusive para a evangelização e a catequese».*

Como sublinha, de seguida, *«este é um dos caminhos onde a Igreja é chamada a exercer uma «diaconia da cultura» no actual «continente digital».*

Por isso, aconselho os pais a indicar bons sites aos filhos,
grandes frequentadores da *internet*.

Permiti que sugira apenas um: *passo-a-rezar.net*, gerido pelo Apostolado da Oração,
ótimo para descarregar orações simples, escutar a palavra de Deus,
e aceder a outros links, com dossiers interessantíssimos, como o da visita do Papa.

7. Mas o *Serviço da cultura* é bem mais amplo,

como referiu o Papa no encontro com os referentes da cultura no passado dia 12, no CCB.

Não podemos contentarmo-nos com os meios tradicionais,
mesmo se a rádio e a televisão são meios ainda muito jovens.

A este propósito, e de alguma forma relacionadas,

não posso deixar de lembrar as seguintes palavras da sua homilia nos Aliados:

*«Temos de vencer a tentação de nos limitarmos ao que ainda temos, ou julgamos ter,
de nosso e seguro: seria morrer a prazo, enquanto presença de Igreja no mundo,
que aliás só pode ser missionária, no movimento expansivo do Espírito».*

8. A fé na sua Palavra nos fará despregar os nossos olhos do Céu,

para fixá-los nos irmãos e irmãs que, desde a Ascensão,

se tornaram a face visível de Cristo glorioso.

É bem certo: os olhos do coração iluminados ampliam os horizontes da fé.

E não podemos mais procurar nos céus o que, na terra, nos ‘entra pelos olhos dentro’.

Os dois homens vestidos de branco, Moisés e Elias,

que sintetizam toda a Sagrada Escritura, a Lei e os Profetas, isso nos continuam a dizer:

«Homens ... porque estais a olhar para o Céu?

Esse Jesus, que do meio de vós foi elevado para o Céu,

virá o mesmo modo que O vistes ir para o Céu».

9. É esta a esperança que nos anima continuamente a celebrar os mistérios da nossa fé.

Tal como naquele dia em que disse estas coisas aos seus discípulos,

ainda hoje, sentado de novo à mesa das nossas assembleias,

continua a repeti-las até que acreditemos verdadeiramente

e a nossa vida, nas muitas boas obras, seja um digno testemunho da sua ressurreição.

Uma vida que só pode rebentar naquela exultação e nos *«hinos mais belos»*

que, insistentemente, o salmista nos convidava a cantar em júbilo.

Análise

Em terceiro e último lugar analisamos uma homilia do Cónego Joaquim Augusto Félix de Carvalho. Trata-se de uma homilia bem preparada e cuidada, proferida a 16 de Maio de 2010, por ocasião da solenidade da Ascensão do Senhor, dia também em que a Igreja celebrava o Dia Mundial dos Meios de Comunicação Social. Foi realizada na Igreja de S.

Paulo do Seminário Conciliar de Braga, para os seminaristas dessa mesma casa, bem como para um grupo bastante heterogéneo de fiéis, provenientes dessa mesma cidade e arredores.

A liturgia da Palavra corresponde ao Ano C e é a seguinte: 1ª leitura (Act 1, 1-11); Salmo Responsorial 46 (47); 2ª leitura (Ef 1, 17-23); Evangelho (Lc 24, 46-53).

Nesta homilia é notória a interligação que o homileta faz das várias leituras que compõem a liturgia da Palavra desta solenidade, num discurso fluente que denota clareza nas ideias e dinamismo na exposição, certamente fruto da própria meditação dos textos sagrados. Este entrecruzar-se das leituras umas nas outras facilita a compreensão do mistério sagrado a revelar aos fiéis. O homileta cita, numa acentuação pedagógica, alguns trechos já ouvidos no momento próprio da proclamação da Palavra de Deus na celebração eucarística, pois *a fé entra pelo ouvido*, prendendo, deste modo, a atenção dos ouvintes.

Todas as leituras são referidas nesta homilia, explicitando deste modo a unidade, a convergência da mensagem nelas contida, num desvendar progressivo que leva à adesão da fé do povo de Deus. De referir também o cuidado do homileta em transpor para a contemporaneidade a mensagem bíblica, com recurso a linguagem atual e à palavra do Pastor da Igreja Universal, apresentando desafios concretos para a vivência da fé cristã.

Por conseguinte, concluímos que esta homilia é bem articulada na exposição e consegue atingir o objetivo de ser meio de evangelização e de aprofundamento da fé de todo o Povo de Deus.

Nela está presente uma linguagem familiar, próxima, para todas as camadas sociais, direccionada aos jovens, pais, presbíteros lançando desafios com a mensagem do Santo Padre para este dia. Contudo, logo no início da homilia, a utilização da expressão «inclusão lucana» pode levar a uma interrogação por parte dos fiéis sobre o sentido ou significado da mesma. O mesmo acontece com a utilização de expressões latinas. A utilização de um certo vocabulário técnico dificulta a acessibilidade e compreensão de alguns fiéis daquilo que é proferido.

Porém é bastante positivo a utilização de uma linguagem actual, relativa ao mundo digital de forma a captar uma maior concentração por parte daqueles que o utilizam, sobretudo jovens.

Ao relacionar as leituras entre si, o homileta fala da Palavra com recurso à mesma Palavra, o que implica uma atenção prévia relativamente à mesma o que é bastante meritório.

Ao usar a expressão «quem de nós, não desejaria», nota-se um forte apelo à conversão, do qual o próprio homileta não se coloca de fora deste caminho de conversão.

O homileta teve também o cuidado de fazer na sua homilia referência a Maria que se venerou de forma intensa ao longo deste mês de Maio, altura em que a homilia foi proferida. De igual forma faz também referência às palavras proferidas pelo Santo Padre no Porto e no CCB no contexto da sua visita a Portugal.

É também uma homilia com uma duração de aproximadamente 10 minutos. Nela está presente uma boa transição da liturgia da Palavra para a liturgia Eucarística. Transição esta que deve ser tida bastante em consideração por parte de cada homileta, mas que raramente se verifica.

Urge assim «conhecer as exigências e tirar rendimento das possibilidades da homilia, a fim de ela alcançar toda a sua eficácia pastoral. E é sobretudo necessário estar-se convencido e dedicar-se à mesma homilia com amor»¹¹².

¹¹² H. ALVES, Documentos da Igreja sobre a Bíblia, in *Evangelho aos homens de hoje*, 43, 770.

Conclusão

Depois deste trabalho, torna-se mais claro que a homilia é um dos elementos mais antigos constitutivos da acção litúrgica.

A homilia deve prestar uma dupla função, assente numa dupla fidelidade: no serviço à assembleia do Povo cristão, que a deve aplicar nas suas vidas e nas suas atitudes e práticas diárias, e no serviço fiel à Palavra de Deus. Logo, é considerada uma das várias formas de pregação, que nos indica conversa ou comunicação familiar, e embora não tenha o mesmo valor universal que a Bíblia, é também considerada Palavra de Deus. A homilia tem, por isso, Jesus Cristo como seu núcleo central e deve constituir um claro apelo à conversão de vida daqueles a quem é dirigida, que se manifeste em gestos e atitudes visíveis e concretos, devendo ser objectivamente concreta, clara e inequívoca. Não sendo sinónimo de pregação, pois tem o seu lugar próprio dentro de uma celebração litúrgica, procura ser anúncio da Palavra, isto é, anúncio do amor de Deus, porque Ele próprio é Amor. Ela suscita à Igreja uma resposta de amor. A homilia, que se dirige primeiramente à interioridade de cada um, à essência mais íntima e pessoal do homem, também não constitui um exercício de exegese, pois esta, mais de que um anúncio da Palavra de Deus, está antes direccionada para as questões hermenêuticas, ou seja, para a interpretação dos textos sagrados, sendo, por isso, considerada uma ciência.

Tendo Jesus Cristo o lugar central na homilia, assim como em toda a celebração, Ele é o homileta por excelência, porque Ele próprio é a Palavra encarnada. Por conseguinte, e porque aqueles a quem a homilia se dirige são permanentemente confrontados com problemas e inúmeras dificuldades, deve haver um grande esforço por parte daqueles que têm a missão de fazer a homilia, para que através dela inculquem uma força renovada, um raio luminoso de

esperança a toda esta gente, a fim de que prossigam o seu caminho, não se sentindo assim desesperançados e sem rumo.

Sofrendo várias alterações ao longo da história da Igreja, houve períodos em que a homilia foi fortemente valorizada, tanto na liturgia como nos documentos da Igreja, e épocas em que ela foi quase nula ou substituída por uma longa pregação. No entanto, na época contemporânea, pós Concílio Vaticano II, foi revalorizado, de forma efectiva, o ministério da homilia. Aliás, como se fez também com a própria Palavra de Deus e com a proclamação da mesma. A homilia passou, assim, a ser compreendida ou concebida como parte integrante da própria acção ou celebração litúrgica, restabelecendo a sua própria identidade.

A homilia parte da Palavra e procura direccionar a vida daqueles a quem se dirige, precisamente, para a Palavra, isto é, para uma conversão interior na fidelidade à mensagem contida na Sagrada Escritura. Na homilia é Deus quem fala ao Seu povo, como sempre o fez ao longo da história do Povo de Deus. É Jesus Cristo que Se torna presente na exortação homilética, assumindo a Sua centralidade em toda a acção litúrgica, pois Cristo é a Palavra Encarnada e a homilia fundamenta-se e deriva da Palavra proclamada. Logo, a presença de Jesus Cristo não se encontra somente nas espécies consagradas mas também na Palavra de Deus. Por isso, a homilia remete sempre para uma pessoa concreta, a Pessoa de Jesus Cristo, interpelando aqueles a quem se dirige a viver à semelhança de Jesus, no amor a Jesus, na plena e total comunhão e intimidade com Jesus. Assim sendo, o homileta é apenas um instrumento de Cristo, um instrumento do qual Deus Se serve para comunicar e falar ao coração dos fiéis, daqueles que escutam e procuram viver plenamente a sua Palavra, ou seja, o homileta é um intermediário desta comunicação entre o humano e o divino.

Por outro, também o Espírito Santo manifesta a Sua presença durante a preparação da homilia, inspirando o homileta, assim como durante a concretização da mesma, para que o homileta fale as palavras de Jesus e os ouvintes se deixem interpelar pela mensagem e

convertam a sua vida na fidelidade e no amor à Palavra. Deste modo, após a leitura atenta dos textos sagrados e depois de interpretados, meditados, assimilados e interiorizados, o homileta deve abrir-se, humildemente e livre de qualquer preconceito, à voz do Espírito Santo que o inspirará e iluminará na elaboração da homilia, para que esta conserve intacta a fidelidade à Palavra e não perca a sua eficácia nem negue o seu propósito. À semelhança de como o Espírito inspirou todos os autores sagrados e todos aqueles que se deram ao anúncio apaixonado do Evangelho ao longo da história da Igreja, hoje inspira os cristãos que celebram a Palavra, que vivem e se alimentam da mesma, nomeadamente aqueles que ensinam e exortam à conversão a partir dessa mesma Palavra.

Por isso, e porque a homilia ajuda os fiéis a melhor compreender a Sagrada Escritura, constitui verdadeiro e autêntico anúncio da alegria, pois enquanto anúncio da própria Palavra, deve comunicar àqueles a quem se destina a alegria sem fim que deriva do amor infinito de Deus aos homens. Por isso a homilia tem de ser hino de festa, grito gaudioso de uma esperança sem ocaso, o garante de uma alegria maior, inviolável e indestrutível, a alegria própria daqueles que colocam a sua confiança no Senhor. Constitui também testemunho e interpelação de comunhão, pois é dirigida à grande família da comunidade, procurando gerar, precisamente, comunidade, isto é, um povo unido, fiel à Palavra de Deus, que saboreia a alegria ímpar de viver na comunhão fraterna, própria e genuína do ser e do viver em Igreja. Além disso, a homilia constitui ainda um convite à missão eclesial do anúncio da Boa Nova, pois tem de contagiar os seus ouvintes com este desejo, interior e ardente de anunciar Jesus Vivo e Ressuscitado a todos os homens.

Salienta-se ainda a importância do silêncio depois da homilia para ajudar aqueles que a escutaram a interiorizar e a meditar sobre o que foi dito, deixando que o coração se molde pelo Evangelho.

Dada a importância da homilia na acção litúrgica, devem ser tidos alguns cuidados aquando da sua preparação. Esta deve ser preparada com tempo para que no silêncio e na oração dos textos possam surgir boas intuições ao homileta, através da meditação que fará. Por outro lado, é fundamental o conhecimento da assembleia a quem se destina para que se torne possível um bom acolhimento da homilia por parte da mesma. De referir ainda a importância do recurso a uma linguagem adequada, clara e fiel ao conteúdo da mensagem, de modo a que seja perceptível e passível de interpretação e interiorização por parte de todos.

De salientar que a homilia deve constituir a “ponte” entre a liturgia da Palavra e a liturgia Eucarística, para se garantir a unidade e harmonia de toda a celebração e para que se torne claro que o Deus que fala na Palavra é o Deus que Se dá nas espécies consagradas.

Ao elaborar esta tese fomos despertados para determinadas sensibilidades, nomeadamente para os cuidados que o homileta deve ter quando prepara e concretiza a homilia, não tanto por todas as questões mais técnicas que tem de trabalhar, mas sobretudo por ter a responsabilidade de ser fiel à Palavra de Deus e deixar, com toda a humildade, que Jesus Cristo continue a falar. E este falar através de si assume maiores graus de exigência se considerarmos que dessa forma deve chegar ao coração dos ouvintes, tocar profunda e directamente as suas vidas, despertando-os para a alegria sem fim da certeza do amor de Deus e para a necessidade da conversão de vida a partir dessa relação de amor.

Ao mesmo tempo, este é um desafio permanente para o homileta. Se esta já se torna uma questão difícil de abordar do ponto de vista teórico, sendo também essa uma das dificuldades que sentimos quando elaborámos este trabalho, mais difícil ainda será concretizar na prática esta capacidade de dar viva voz a Cristo, para que Ele continue a ser hoje Boa Nova para a vida dos homens.

Sendo esta uma questão que merece maior reflexão, particularmente por parte da Igreja, e sobretudo por parte daqueles que têm como tarefa preparar e concretizar a homilia, podendo

abrir horizontes para trabalhos futuros, na prática parece-nos fundamental que o homileta cresça na capacidade de entrega a Deus, dando-se por inteiro a essa relação de amor com Cristo, para que Cristo actue na sua vida e fale nas suas palavras, no fundo, para que o mesmo possa afirmar como Paulo, «já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim» (cf. Gal 2, 20). Só desse modo o homileta será completamente fiel à Palavra, não a adulterando nem a condicionando aos seus limites e preconceitos, intrínsecos à sua própria fraqueza humana. Só assim Jesus falará aos homens de hoje, numa linguagem acessível a todos, num tom amoroso, alegre e cativante, capaz de derrubar todas barreiras e de curar todas as feridas que assolam a vida dos homens do nosso tempo.

BIBLIOGRAFIA

1. FONTES

1.1. Sagrada Escritura

BÍBLIA SAGRADA, Difusora Bíblica, Lisboa/Fátima, 2002.

1.2. Magistério

ALVES, Herculano, *Documentos Da Igreja Sobre a Bíblia*, Difusora Bíblica, Fátima, 2011.

BENEDICTUS PP. XVI, *Adhortatio apostolica postsynodalis «Verbum Domini»* (30.09.2010), in AAS (2020) 681-787.

BENEDICTUS PP. XVI, *Litterae Encyclicae «Caritas in Veritate»* (29 Junni 2009), in AAS 101 (2009) 641-709.

BENEDICTUS PP. XVI, *Litterae Encyclicae «Deus caritas est»* (25 Decembri 2005), in AAS 98 (2006) 217-252.

Catecismo da Igreja Católica, 2ª ed., Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2000.

Concílio Ecuménico Vaticano II, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1998.

Missal Romano, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1992.

VATICANO II, *Decreto INTER MIRIFICA*, Doutrina da Igreja 3, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1998.

2. INSTRUMENTOS

2.1. ENCICLOPÉDIAS

CHRISTOS, *Enciclopédia do Cristianismo*, Editorial Verbo, Lisboa - São Paulo, 2004.

FALCÃO, Manuel Franco, *Enciclopédia Católica Popular*, Edições Paulinas, Prior Velho, 2006.

VERBO, *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Editorial Verbo (vol.11, 14 e 23), Lisboa/São Paulo, 1999.

2.2. DICIONÁRIOS

AA.VV., *Diccionario del Agente de Pastoral Litúrgica (Con esquemas y guiones para jornadas y cursillos 1)*, Monte Carmelo, Burgos, 2003.

AA. VV., *Diccionario de Pastoral y Evangelización*, Monte Carmelo, Burgos, 2000.

AA.VV., *Nuevo diccionario de Liturgia*, Paulinas, Madrid, 1989.

BIFET, Juan Esquerda, *Diccionario de la Evangelización*, BAC, Madrid, 1998.

FLORISTAN, Casiano, *Nuevo diccionario de Pastoral*, San Pablo, Madrid, 2002.

MACKENZIE, John, *Dicionário Bíblico*, Paulus, São Paulo, 1994.

3. ESTUDOS E BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AA.VV., *A arte da homilia*, Paulinas, Prior Velho, 2006.

AA.VV., «L'homélie», in *La Maison – Dieu* 227 (2001) 9-66.

AA .VV., *La Liturgia en los inicios del tercer milenio – A los XL Años de la Sacrosanctum Concilium*, Grafite, 2004.

AA.VV., *Précis de théologie pratique*, Edições de L'Atelier Lumen Vitae, Bruxelas, 2007.

ALDAZÁBAL, José, *El ministerio de la homilía*, CPL, Barcelona, 2006.

ALDAZÁBAL, José, *Enséñame tus caminos 9 – Domingos ciclo B*, CPL, Barcelona.

ALDAZÁBAL, José, *Gestos y símbolos*, CPL, Barcelona, 2000.

ALDAZÁBAL, José, *La Eucaristía*, CPL, Barcelona, 2000.

ALDAZÁBAL, José, *Vocabulário básico de liturgia*, (*Biblioteca litúrgica* 3), CPL, Barcelona, 1996.

AMHERDT, François-Xavier, «L'art de la prédication. Réflexions et suggestions pour une proposition de foi homilétique», in *Revue des sciences religieuses* 82 (2008) 547-566.

ARMELLINI, Fernando, *O Banquete da Palavra – ano A*, Paulinas, Lisboa, 1998.

ARMELLINI, Fernando, *O Banquete da Palavra – ano B*, Paulinas, Lisboa, 1999.

ARMELLINI, Fernando, *O Banquete da Palavra – ano C*, Paulinas, Lisboa, 2001.

ASPER, Ulrich, «La musique vocale au service de la prédication: le rôle du choral et de la musique polyphonique dans le culte luthérien», in ARNOLD Matthieu, *Annoncer l'Évangile (XV^e-XVII^e siècle). Permanences et mutations de la prédication, Actes du colloque international de Strasbourg (20-22 novembre 2003)*, Cerf, Paris, 2006, 131-142.

BENTO XVI, *Homilias – O ano litúrgico comentado por Joseph Ratzinger*, Editorial Franciscana, 2009.

BERGERON-FORTIN, Huguette, «Être homéliste», in ROUTHIER Gilles, *Faire écho au verbe. Réinvestir dans l'homélie*, Médiaspaul, Montréal, 1999, 10-27.

BERIOU, Nicole, «Prédication et communication du message religieux: le tournant du XIII^e siècle», in ARNOLD, Matthieu, *Annoncer l'Évangile (XV^e-XVII^e siècle). Permanences et mutations de la prédication, Actes du colloque international de Strasbourg (20-22 novembre 2003)*, Cerf, Paris 2006, 41-60.

BIANCHI, Enzo, *Aos presbíteros*, Sígueme, Salamanca, 2006.

BONAFoux-VERRAX, Corinne, «Le Père Lhande (1877-1957): pionnier de la prédication radiophonique», *Revue des sciences religieuses* 78 (2004) 401-416.

BONHOEFFER, Dietrich, *La Parole de la prédication. Cours d'homilétique à Finkenwalde*, Labor et Fides, Genève, 1992.

BOROBIO, Dionisio (dir.), *La Celebracion en la Iglesia, Vol.I, Liturgia y Sacramentologia Fundamental*, (*Lux Mundi* 57), Sígueme, Salamanca, 1995.

BOROBIO, Dionisio (dir.), *La Celebracion en la Iglesia, Vol.II, Sacramentos*, (*Lux Mundi* 58), Sígueme, Salamanca, 1999.

BORTOLINI, José, *Comentários às Leituras da Liturgia Dominical Ano A*, Paulistas, Lisboa, 1992.

BOUTRY, Philippe, «Le prédicateur des villes et le prédicateur des champs: Lacordaire à Ars (4 mai 1845)», *Revue des sciences religieuses* 78 (2004) 335-357.

BROTTIER, Laurence, «Le prédicateur, émule du prophète ou rival de l'acteur? Jean Chrysostome: un pasteur déchiré entre ses auditeurs et son Dieu», *Connaissances des Pères de l'Eglise* 74 (1999) 2-19.

BÜHLER, Pierre, «Les effets de la prédication et de l'homilétique sur la théologie systématique», in REYMOND Bernard, ROJAS Jean-Luc, «Comment enseigner l'homilétique ?», (*Textes et documents du colloque de Lyon-Francheville sur les méthodes d'enseignement en homilétique organisé par l'Institut romand de pastorale*), Cahiers de l'IRP Lausanne, 1997, 60-71.

BUYST, Ione, «Homilia, experiência orante», in *Revista de Liturgia* 107 (1991) 136-137.

CABALLERO, Basílio, *La Palabra cada Domingo*, São Paulo, Madrid, 2000.

CARVALHO, Dirce de, *Homilia: a questão da linguagem na comunicação oral*, Paulinas, São Paulo, 1993.

CERVERA, Jesús Castellano, *Orar Con El Año Litúrgico – Ciclo C*, Edicep C.B., Valencia, 2009.

CHATELLIER, Louis, «De l'instruction à la conversion: la prédication en question après le concile de Trente», in ARNOLD Matthieu, «Annoncer l'Évangile (XV^e-XVII^e siècle). Permanences et mutations de la prédication», in *Actes du colloque international de Strasbourg* (20-22 novembre 2003), Cerf, Paris, 2006, 183-192.

CORDEIRO, José Manuel, *O Padre – Do mistério ao ministério*, Pedra Angular, Lisboa, 2009.

CUNHA, Secundino, «Um púlpito com ecrã», in *Agência Ecclesia* (2008) 74.

CUVILLIER, Elian, «L'apport de l'homilétique au travail de l'exégète», in REYMOND Bernard, ROJAS Jean-Luc, *Comment enseigner l'homilétique?*, *Textes et documents du colloque de Lyon-Francheville sur les méthodes d'enseignement en homilétique organisé par l'Institut romand de pastorale*, Cahiers de l'IRP, Lausanne, 1997, 53-58.

DEISS, Lucien, *A Missa da Comunidade Cristã*, Perpétuo Socorro, Porto, 1998.

DEPARTAMENTO DE LITURGIA DO CELAM, *A Homilia. O que é? Como se prepara? Como se apresenta ?*, Paulinas, São Paulo, 1983.

DOMINGUES, D. Manuel Pelino, «Desafios da cultura actual à Homilia», in *Bíblica* 14 (2005) 153-165.

EXPÓSITO, Miguel, *Conocer y celebrar la Eucaristía*, CPL, Zaragoza, 2001.

FAUCHER, Alain, «La communication interactive dans le cadre de l'homélie: possibilités et limites», in ROUTHIER Gilles, *Faire écho au verbe. Réinvestir dans l'homélie*, Médiaspaul, Montréal, 1999, 115-145.

FLORISTÁN, Casiano, *Teologia Práctica*, Sígueme, Salamanca, 1993.

FOURNIER, Elie, *La Homilía*, Editorial Estela, Barcelona, 1965.

GELIN, Richard, «Pour une prédication vraiment pastorale», in *Les cahiers de l'école pastorale* (1999) 17-21.

GELIN, Richard, «Pour faire ses premiers pas dans la prédication», in *Les cahiers de l'école pastorale* 45 (2002) 3-14.

GELIN, Richard, «La Bible et la prédication», in *Les cahiers de l'école pastorale* 48 (2003) 29-38.

GELIN, Richard, «De la chaise à la chaire. Vade-mecum du prédicateur néophyte», in *Les cahiers de l'école pastorale* 70 (2008) 23-40.

GUERREIRA, Julio Ramos, *Teología Pastoral*, Bac, Madrid, 1995.

GOENAGA, José Antônio, «La homilia: acto sacramental y de magisterio», in *Phase* 95 (1976) 339-358.

GOMIS, Joaquín, «Sobre La Preparacion de La Homilia», in *Phase* 56 (1970) 205-207.

GONÇALVES, Margarida Osório, *A Missa Vivida*, Paulistas, Lisboa, 1992.

HAMELINE Jean-Yves, *Expliquer l'Écriture avec le style de l'Écriture. Relire Fénelon*, in *La Maison-Dieu* 227 (2001) 79-108.

HORT, Bernard, «L'homilétique: une discipline académique?», in *Cahiers de l'Institut romand de pastorale* 18 (1994) 3-6.

KAEMPF, Bernard, *Introduction à la Théologie Pratique*, Edições Universidade de Estrasburgo, Estrasburgo, 1997.

KONGS, Gilbert, «Les grandes orientations de la prédication», in *Connaissances des Pères de l'Eglise* 99 (2005) 2-6.

KUEN, Alfred, *Comment prêcher ou l'art de communiquer l'essentiel*, Saint-Légier, Emmaüs, 1998.

LANDRY, Jean-Pierre, «L'importance de la prédication dans la culture et la société du Grand Siècle», in DUREL Henry, ETAYO-PINOL Marie-Ange, *Acculturation/inculturation du christianisme en Europe, Actes de la journée d'études du 4 avril 1997*, Université Jean Moulin - Lyon 3, Didier Erudition, Paris, 1998, 53-81.

LAPOINTE, Guy, «L'homélie: dire ce qu'il faut penser ou donner à penser?», in REYMOND Bernard, ROJAS Jean-Luc, «Comment enseigner l'homilétique?», (*Textes et documents du colloque de Lyon-Francheville sur les méthodes d'enseignement en homilétique organisé par l'Institut romand de pastorale*), Cahiers de l'IRP, Lausanne, 1997, 81-91.

LIMA, José da Silva, *Teologia Prática Fundamental – Fazei Vós, Também*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2009.

LLOPIS, Joan, «Exegesis Biblica y Homilia Liturgica», in *Phase* 66 (1971) 527-541.

LUSTIGER, Jean-Marie, *A Missa*, A.O., Braga, 2003.

MALDONADO, Luis, «Cuestiones actuales sobre la homilía», in *Phase* 237-238 (2000) 247-254.

MALDONADO, Luis, «La Homilia, Esa Predicacion Siempre Vieja Y Siempre Nueva», in *Phase* 56 (1970) 183-202.

MALDONADO, Luís, *La Homilia – predicación, liturgia, comunidad*, Edições Paulinas, São Paulo, 1993.

MELÉNDEZ, Antonio, *Asamblea Cristiana Ciclo A-2*, CCS, Madrid, 1996.

MOTTU, Henry, «En quoi l'enseignement de Dietrich Bonhoeffer à Finkenwalde est-il un modèle à suivre ou pas?», in REYMOND Bernard, ROJAS Jean-Luc, «Comment enseigner l'homilétique?», (*Textes et documents du colloque de Lyon-Francheville sur les méthodes d'enseignement en homilétique organisé par l'Institut romand de pastorale*), Cahiers de l'IRP, Lausanne, 1997, 11-17.

MULUNDA MUKENA, Mulongo, «De l'actualité de la prédication», in *Hokhma* 52 (1993) 67-79.

NIEBERGALL, Alfred, «Histoire de la prédication», in *Hokhma* 48 (1991) 43-63.

NOBLESSE-ROCHER, Annie, «Du commentaire à l'assomption par l'Esprit: quelques remarques relatives à la prédication de Martin Bucer», in ARNOLD Matthieu, *Annoncer l'Évangile (XV^e-XVII^e siècle). Permanences et mutations de la prédication, Actes du colloque international de Strasbourg (20-22 novembre 2003)*, Cerf, Paris, 2006, 87-99.

OLIVAR, Alexandre, «La Predicación Cristiana Antigua», Herder, Barcelona 1991.

OSÓRIO, Rui, «Actualidade religiosa é uma questão cultural», in *Agência Ecclesia* 1145 (2008) 73.

PAREDES, José Cristo Rey Garcia, *Palabras de Luz – Comentarios a las lecturas del Domingo Ciclo C*, Claretianas, Madrid, 2009.

PARMENTIER, Elisabeth, «Qui parle dans la prédication? Chantiers pour une homilétique contemporaine», in *Positions luthériennes* 50 (2002) 373-390.

PELCHAT, Marc, «Ministère de la parole et homélie», in ROUTHIER, Gilles, *Faire écho au verbe. Réinvestir dans l'homélie*, Médiaspaul, Montréal, 1999, 13-39.

PICON, Raphaël, *L'art de prêcher*, Olivétan, Lyon, 2008.

POLICARPO, José da Cruz, *A Palavra Celebrada – Homilias*, Col. Obras Escolhidas 4, Universidade Católica, Lisboa, 2003.

POLICARPO, José da Cruz, *Obras Escolhidas – Missão na Cidade*, Universidade Católica, Lisboa, 2005.

RATZINGER, Joseph, *Un Canto Nuevo para el Señor*, Sígueme, Salamanca, 2005.

REGO, António, «Uma vida a comunicar», in *Agência Ecclesia* 1145 (2008) 76-80.

REYMOND, Bernard, «Homilétique», KAEMPF Bernard, in *Introduction à la théologie pratique*, Presses Universitaires de Strasbourg, 1997, 109-125.

REYMOND, Bernard, «La place et la fonction de l'homilétique dans l'enseignement de la théologie», in REYMOND Bernard, ROJAS Jean-Luc, «*Comment enseigner l'homilétique?*», (*Textes et documents du colloque de Lyon-Francheville sur les méthodes d'enseignement en homilétique organisé par l'Institut romand de pastorale*), Cahiers de l'IRP, Lausanne 1997, 7-10.

REYMOND, Bernard, *De Vive Voix*, Edições Labor et Fides, Genève, 1998.

RIBEIRO, António, *Obras Escolhidas – A Passagem da morte à vida – Homilias no Tríduo Pascal*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2008.

ROBITAILLE, Lucien, «Préparer une homélie», in ROUTHIER, Gilles, *Faire écho au verbe. Réinvestir dans l'homélie*, Médiaspaul, Montréal, 1999, 187-207.

ROMA, Justino, *I e II Apologias – Diálogo com Trifão*, 67, Paulus, São Paulo, 1995.

SALA, Ramón, «La Homilia», in *Phase* 25-26 (1965) 54-56.

SEABRA, João Miguel Moreira, *Directo ao assunto: homilias paroquiais de Santos-o-Velho*, Lucerna, 2003.

SORDET, Jean-Michel, «Communication pluriforme. La vidéo pour analyser la prédication», in *Cahiers de l'Institut romand de pastorale* 14 (1992) 2-12.

SORDET, Jean-Michel, «Finalités et moyens dans l'enseignement homilétique», REYMOND Bernard, ROJAS Jean-Luc, «Comment enseigner l'homilétique ?», in (*Textes et documents du colloque de Lyon-Francheville sur les méthodes d'enseignement en homilétique organisé par l'Institut romand de pastorale*), Cahiers de l'IRP, Lausanne, 1997, 41-51.

SORDET, Jean-Michel, «Le support vidéo et l'homilétique. Cadre et possibilités», in MOTTU Henry, BETTEX Pierre-André, *Le défi homilétique*, Genève, Labor et Fides, 1993, 271-285.

SOUSA, Manuel Baptista, *Reflexões para os Domingos e Dias de Preceito*, Edição do Autor, Póvoa de Varzim, 2007.

SOUSA, Marcelo Rebelo, *Os Evangelhos de 2001*, Bertrand, Março, 2001.

STOCK, Klemens, *La Liturgia de la Palabra – Comentário a los Evangelios dominicales y festivos Ciclo A*, Edições São Paulo, Madrid, 2007.

STOCK, Klemens, *La Liturgia de la Palabra – Comentário a los Evangelios dominicales y festivos Ciclo B*, Edições São Paulo, Madrid, 2005.

STOCK, Klemens, *La Liturgia de la Palabra – Comentário a los Evangelios dominicales y festivos Ciclo C*, Edições São Paulo, Madrid, 2006.

TOADER, Ioan, «Homilétique et sciences de la communication», REYMOND Bernard, ROJAS Jean-Luc, «Comment enseigner l'homilétique?», in (*Textes et documents du colloque de Lyon-Francheville sur les méthodes d'enseignement en homilétique organisé par l'Institut romand de pastorale*), Cahiers de l'IRP, Lausanne, 1997, 33-39.

URIARTE, Juan María, *Servidores da Palavra de Deus*, Gráfica de Coimbra, Palheira 2009.

VIAU, Marcel, «Pour une parole efficace», in ROUTHIER Gilles, *Faire écho au verbe. Réinvestir dans l'homélie*, Médiaspaul, Montréal, 1999, 209-238.

WAZNAK, Robert, *An Introduction to the Homily*, The Liturgical Press, Collegeville, 1998.

WEBBER, Christopher, *The Art of the Homily*, Morehouse Publishing, Harrisburg, 1992.

ZORN, Jean-François, «Exégèse, herméneutique et actualisation: étapes successives ou interaction dynamique? La notion d'exégèse homilétique», in *Etudes théologiques et religieuses* 75 (2000) 549-563.

ZORN, Jean-François, «L'homilétique dans tous ses états. A propos d'un livre récent», *Etudes théologiques et religieuses* 70 (1995) 105-110.

4. NETGRAFIA

<http://www.dehonianos.org/portal/liturgia.asp>.

http://vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/index_po.htm.

Índice

Introdução.....	2
Capítulo I. HOMILIA: DEFINIÇÃO DE CONCEITO E BREVE HISTÓRIA.....	5
1. Homilia.....	5
1.1. Etimologia.....	6
a) Comunicação familiar com fidelidade à Palavra de Deus	6
b) Parte integrante da acção litúrgica.....	8
c) Forma concreta de pregação	8
d) Jesus Cristo, núcleo da mensagem.....	9
e) Apelo à conversão.....	10
1.2. Pregação.....	11
a) Etimologia.....	12
b) Anúncio solene.....	12
c) Pode não ser inserida numa acção litúrgica.....	13
1.3. Exegese.....	13
a) Etimologia.....	14
b) Questões hermenêuticas.....	14
1.4. Jesus – o Homileta.....	15
1.5. Homilia ao longo da História da Igreja.....	16
1.5.1. Tradição bíblica.....	17
1.5.2. Primeiros três séculos da era cristã.....	18
1.5.3. Época patrística (séc. IV-VII).....	19
1.5.4. Época medieval.....	21
1.5.5. Época moderna.....	22

1.5.6. Época contemporânea.....	22
1.5.7. Actualidade.....	24
Capítulo II. DIMENSÕES TEOLÓGICAS DA HOMILIA.....	25
2.1. Presença de Cristo na homilia.....	25
2.2. Inspiração do Espírito Santo.....	27
2.3. Diálogo de Deus com os homens.....	29
2.4. Jesus fala pelas palavras do homileta.....	33
2.5. Anúncio da alegria.....	34
2.6. Testemunho e interpelação de comunhão.....	35
2.7. Convite à missão.....	36
2.8. Silêncio orante da assembleia e do homileta.....	37
Capítulo III. PRÁTICA DA HOMILIA.....	39
3.1. Cuidado na preparação.....	39
3.2. Conhecimento da assembleia.....	42
3.3. Linguagem utilizada.....	43
3.4. Recurso ao diálogo.....	44
3.5. Tempo disponibilizado para a transmissão.....	45
3.6. Ensino apropriado nos Seminários.....	46
3.7. Uso dos órgãos de comunicação social.....	47
3.8. Ponte entre liturgia da Palavra e Liturgia Eucarística.....	49
Apêndice: Análise de três homilias do tempo pascal.....	50
Homilia 1.....	50
Homilia 2.....	57
Homilia 3.....	62
Conclusão.....	69

BIBLIOGRAFIA.....74